



## **DESENHO DO ESPAÇO PÚBLICO URBANO**

### **Perspectivas Sócio-Espaciais**

**Filipa Isabel da Silva Teixeira**

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitectura Paisagista**

Orientador: Doutor Luís Paulo Faria de Almeida Ribeiro

#### **Júri:**

Presidente: Doutora Maria Cristina da Fonseca Ataíde Castel-Branco, Professora Associada do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.

Vogais: Doutor Luís Paulo Faria de Almeida Ribeiro, Professor Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa;

Vogais: Doutora Ana Luísa Brito dos Santos Sousa Soares Ló de Almeida, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.

Lisboa, 2010

Aos meus pais.



*“Na construção de um mundo humano propriamente dito, o desenho constitui um objecto tão frágil quanto poderoso.” (Krier, 1975)*

## RESUMO

Fiel à sua natureza, enquanto ser social que é, o Homem procura satisfazer a necessidade elementar de se relacionar com outros indivíduos. A base destas relações é decorrida nos espaços públicos, espaços de excelência na melhoria da qualidade de vida urbana, de desafogo do stress, da poluição, do entrelaçado cinzento de vias sobre vias, do sem fim de edificações que procuram alcançar o céu.

Um desenho coerente do espaço público urbano, auxiliado por um conjunto de princípios orientadores de projecto, apresenta-se como a chave para a estruturação e organização da cidade, facilitando a sua leitura por parte da população, permitindo perceber e referenciar os diversos espaços que a compõem.

Neste sentido foi elaborada uma Matriz de Avaliação de Desenho do Espaço Público, onde os vectores descritos devem ser considerados aquando do desenho do espaço, favorecendo a relação utilizador/lugar, de modo a conceber espaços aptos a satisfazer as necessidades dos cidadãos, consolidando os laços sociais tão fundamentais ao desenvolvimento pessoal do Homem.

A requalificação da Rua Alferes Barrilaro Ruas foi guiada por estes princípios, procurando dar vida a um espaço onde a redefinição dos locais de passagem do peão se torna prioridade quando confundidos com os espaços de circulação automóvel.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desenho urbano; Espaço público; Lugar; Percepção; Princípios orientadores.



## ABSTRACT

True to his nature, as a social being, Man seeks to satisfy his needs to relate to others. The basis of these relationships is fostered in public spaces, places of excellence in improving the quality of urban life, of relief from stress, pollution, interlaced roads above roads, the buildings endless seeking to reach the sky.

A coherent design, aided by a set of guiding principles presents itself as the key to the structure and organization of the city, making it easier to the people that crosses and it depends on it to read it and perceive it, enabling the referencing of the various spaces that comprise it.

Thus, was elaborated a Public Space Design Evaluation Matrix, where the vectors described should be considered when designing the intervention area, benefiting the relationship between user and space, in order to conceive spaces that are able to please the needs of their users and reinforcing social ties so vital to the personal development of man.

The requalification of the street Alferes Barrilaro Ruas was guided by these principles, seeking to give life to a space where the redefinition of the pedestrians movement spaces became priority when they 're confused with motor vehicles spaces.

**KEY-WORDS:** Urban design; Public space; Place; Perception; Guiding principles.

## EXTENDED ABSTRACT

The urban public space, such as a road, square, square, gazebo, garden or park, or even a bus stop or a corner, presents itself as the stage of the populations activities, leisure and social exchanges, contributing to the relief of city and improving the quality of life for its users.

The design of urban public space presents itself as the key to the structure and organization of the city. A coherent design, aided by a set of guiding principles (where the detail plan does not overlap the global plan) promotes the implementation of spaces articulated with its surroundings, allowing the territorial continuity, that are able to please the needs of their users and reinforcing social ties so vital to the personal development of man.

For this purpose contributes the Strategic Plan of Lisbon and the London Plan, analyzed in this study, where are exposed the guiding principles to the planning process for the city, streamlining and systematizing the occupation of public space and promoting cost containment, durability, identity and maintenance.

However, how individuals perceive and evaluate certain space differs according to their biological inheritance, education, culture and values - in short terms, depends on all his life experience. Also the formal and functional aspects of the space interfere with this process, and it's through its own characteristics that its identification and recognition is possible, highlighting it from the surrounding urban fabric. Therefore, the entire process of planning and design must be guided by the principle of maximum coverage, avoiding formal and functional solutions that restrict the enjoyment of a particular social group.

This is the study of perception of the environment and the emotional relationships that are developed between space and user, and the factors influencing them. Therefore, being the public spaces designed for enjoyment of the population, their design should consider the importance of the appropriation process, as spaces become Places as a result of the interaction and exchanges made between them and their users.

The majority of new public spaces are unsuited to the new ways of life and seem to appear without proper programming. They present physical, visual and social barriers that difficult their access, presents themselves urbanistically unsuited, with no connection to their surroundings, being the result of decisions in ignorance of the effects in the urban fabric. It thus becomes clear that a city, whatever its scale is, requires a coherent and flexible planning that promotes a sustainable development and ensure the quality of life of the current and future populations, generated from a set of ideas and strategies.

Thus, was elaborated a Public Space Design Evaluation Matrix, where the vectors described should be considered when designing the intervention area, benefiting the

relationship between user and space. The division of public space into groups (typologies) with similar characteristics and its intersection with each drawing vector, by assigning a scale value, relates the importance of each vector in each typology. The drawing vectors were selected by the literature search carried out, weighing the factors highlighted by each author in the process of shaping the city, the latter being understood as the conditions most relevant to the appropriation of space by their users - the form, diversity, composition, order, domination, hierarchy, symmetry, surprise, movement, comfort, lighting, materials, texture, color, smell and function. Regarding to the typologies of public space, they were withdrawn from the Strategic Plan for Lisbon - urban road network, main road network, secondary road network, local network, structure squares, interfaces and terminals, cemeteries, viewpoints, lanes, woods, urban parks, heritage gardens, proximity spaces, green environment, built integrated green.

In the case study of the street Alferes Barrilero Ruas are the target of intervention the soccer field, whose slopes around are an issue, a car park in the shape of an "S" where the floors are badly degraded, which houses a small part of the vehicles of residents of the area, and a rest area with a lack of rest furniture and environmental comfort. Being the parking a problem in this zone, the adjacent spaces are also requalified in order to resolve the invasion of vehicles on pavements and green areas.

It is therefore a complex process, the design of space that can be seized and attached by a large proportion of the population. But, with the consciousness of being impractical to meet all needs and tastes of all individuals, we must be conscious to be feasible to determine sets of features common to a majority.

## ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. O QUE É O DESENHO URBANO? .....	2
3. ESPAÇO PÚBLICO: UM OLHAR SOBRE A CIDADE .....	4
3.1. A Importância da Forma.....	4
3.2. O Estilo de Vida e a Curta Vida dos Estilos.....	8
3.3. O Todo e as Partes.....	13
3.4. Planos Estratégicos para o Espaço Público.....	16
3.4.1. Plano Estratégico para o Espaço Público de Lisboa.....	16
3.4.2. Plano Estratégico para o Espaço Público de Londres.....	19
4. O ESPAÇO PÚBLICO ENQUANTO ESPAÇO SOCIAL.....	24
4.1. A Apropriação do Espaço.....	24
4.2. Importância do Carácter do Local na Vida Social.....	27
5. MATRIZ DE AVALIAÇÃO DE DESENHO DO ESPAÇO PÚBLICO URBANO.....	33
5.1. Caracterização das Tipologias de Espaço Público.....	33
5.2. Caracterização dos Vectores de Desenho do Espaço Público.....	36
5.3. Matriz de Avaliação de Desenho do Espaço Público Urbano.....	44
6. CASO DE ESTUDO – Requalificação Urbana da Rua Alferes Barrilaro Ruas.....	46
6.1. Programa Preliminar.....	47
6.2. Diagnóstico do Espaço.....	57
6.3. Proposta.....	59
7. CONCLUSÃO.....	71
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

1 - A vida no Miradouro Sophia de Mello Breyner Andresen.....	1
2 - Um olhar sobre a cidade.....	4
3 - As praças são importantes pontos de referência.....	6
4 - A acessibilidade auxilia o dinamismo.....	6
5 - A imagem da Rua Augusta.....	6
6, 7 e 8 - Formas de promover a privacidade, mesmo em espaços públicos.....	7
9 - As novas formas de vida no Campo Pequeno.....	8
10 - As actividades económicas são quase sempre associadas à apropriação dos espaços.....	13
11 - Apesar do magnetismo das grandes superfícies a mercearia de bairro ainda sobrevive.....	14
12 - A harmonia entre os diversos usos do espaço potencia a sua vivência.....	16
13 - As ruas de Londres.....	23
14 - A relação entre espaço e sociedade é profunda e determinante para a qualidade de vida dos indivíduos.....	24
15, 16 e 17 - Espaços memoráveis são associados a momentos afectivos, trocas comerciais ou elementos focais.....	25
18 - Os passos são automatizados ao percorrer os não-lugares.....	26
19 - Marcas de territorialidade demarcam os espaços.....	26
20, 21 e 22 - Diferentes formas de promoção de conforto bioclimático.....	28
23, 24, 25 e 26 - Todos os espaços públicos são espaços de convívio.....	29
27 - São infinitos os encontros casuais nas ruas da cidade.....	30
28 - A qualidade de um espaço público depende da sua capacidade de atrair e estimular a permanência das pessoas.....	71

## LISTA DE FIGURAS

1 - Obrigatoriedades nas Red Routes Fonte: <a href="http://www.direct.gov.uk">http://www.direct.gov.uk</a> .....	21
2 - Evolução da Federal Plaza Fonte: <a href="http://www.nyc-architecture.com/SCC/SCC032.htm">http://www.nyc-architecture.com/SCC/SCC032.htm</a> .....	31
3 - Pavimento do arquitecto Álvaro Dentinho no Espaço de Estadia Fonte: Tostões (2003).....	47
4 - Esboço do elemento de estadia adjacente à área de recreio activo.....	60

5 - Esboço da estadia associada ao elemento de água.....	62
6 - Esboço da nova área de estadia.....	62

## LISTA DE QUADROS

1 - Matriz de Avaliação de Desenho do Espaço Público Urbano.....	44
2 - Redefinição dos Espaços de Estacionamento e Pedonais.....	57
3 - Redefinição dos Espaços de Recreio.....	58
4 - O Caso de Estudo inserido na Matriz de Avaliação de Desenho do Espaço Público.....	59

## LISTA DE ABREVIATURAS

*Adj.* - Adjectivo

*A.P.* - Arquitectura Paisagista

*CML* - Câmara Municipal de Lisboa

*F.* - Feminino

*M.* - Masculino

*Pl.* - Plural

*PEEP* - Plano Estratégico para o Espaço Público

*S.* - Sinónimo

*TfL* - Transport for London

*TLRN* - Transport for London Road Network

## 1. INTRODUÇÃO



Fotografia 1 - A vida no miradouro Sophia de Mello Breyner Andresen

O espaço público urbano pode ser definido como todo o espaço de uso público, não edificado e exterior, englobando todas as ruas, praças, espaços verdes, margens fluviais e marítimas, bem como todas as infra-estruturas e equipamentos através dos quais são prestados os mais variados serviços à população.

A utilidade deste espaço é de enorme importância, já que este se apresenta como palco de actividades, de convívio e lazer da população, contribuindo para o desafogo da cidade e melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes. Não sendo o seu acesso restrito nele coexistem diversos interesses (nem sempre compatíveis) sociais, políticos, ambientais e económicos, cuja harmonia é fulcral na sua interpretação pelo utilizador.

Este espaço é resultado de uma composição que é individualmente vivenciada e percebida por cada um de nós à medida que o percorremos e descobrimos. A relação entre cada ser humano e o espaço que o rodeia é condição primordial no sucesso de qualquer intervenção projectual, e consciente disso mesmo este estudo pretende analisar o modo como o desenho do espaço público urbano interfere na forma e intensidade da sua utilização por parte da população em geral.

No decorrer do estudo confirma-se a existência de variados factores que devem ser ponderados no processo de desenho, tais como simetrias, hierarquia de elementos, ritmo, texturas, cores, bem como questões de qualidade ambiental e funcionalidade que o espaço ambiciona promover, os quais foram sistematizados numa Matriz de Avaliação de Desenho do Espaço Público Urbano, elaborada num estágio na Divisão de Estudos e Projectos da Câmara Municipal de Lisboa, inserida no âmbito do Plano Estratégico para o Espaço Público de Lisboa actualmente em fase de elaboração na mesma.

O modo como o carácter de cada espaço interfere no quotidiano dos indivíduos, condicionando as suas relações sociais e determinando, conjuntamente com outros factores, o seu desenvolvimento pessoal, tem sido um aspecto muitas vezes negligenciado ao longo da história das cidades. O facto, é que sem os seus utilizadores o espaço público não faria sentido algum. Assim, torna-se claro que apenas através de uma análise do local e da própria população que nele desenvolve o seu dia-a-dia, com as suas necessidades e expectativas, o projecto será capaz de cumprir os objectivos para os quais foi designado. A requalificação da Rua Alferes Barrilero Ruas, nos Olivais Norte, foi objecto de estudo dessa problemática, procurando dar vida aos espaços intervencionados.

## 2. O QUE É O DESENHO URBANO?

Termo que apareceu inicialmente na década de cinquenta, encontra-se relacionado com a estrutura física que suporta as funções e actividades para as quais se encontra destinada, combinando a interpretação estética com a efectiva solução dos problemas do espaço, dotando a cidade de espaços comunicativos e simbólicos aos olhos dos seus cidadãos.

O desenho urbano interessa-se em promover espaços atractivos, articulados com as necessidades específicas da população e integrados de forma coerente na malha urbana, com o objectivo de potenciar a vivência da comunidade ao ar livre. Como refere Croft (2001), a qualidade de uma cidade não depende apenas da beleza e distribuição dos seus edifícios, mas sim da relação entre estes e os espaços que os circundam, cuja utilização por parte da sociedade é o objectivo primordial do projecto.

Assim, através da adopção de soluções formais e funcionais, o desenho deve permitir a resolução de problemas de natureza biofísica (clima, orografia, tipo de solo, flora, fauna, entre outros), económica e social. Estes aspectos de ordem formal e funcional interferem na leitura que se retira dos espaços, sendo através das suas características próprias que se torna possível a sua identificação e reconhecimento, destacando-o da malha urbana envolvente.

Inerente a uma solução válida encontra-se uma abordagem coerente, que atravesse diversos passos com vista numa (ou várias) soluções. Isto é, de modo a satisfazer todos os aspectos nos quais o espaço se encontre debilitado é vital a identificação do seu estado actual, com todos os seus problemas e potencialidades, e possibilidades de mudança. Posto isto, o seguimento de um Programa Preliminar é essencial, desenvolvendo uma análise eficaz do espaço de intervenção, nomeadamente quanto ao contexto paisagístico no qual está inserido, fisiografia do terreno, características pedológicas, questões microclimáticas (nomeadamente exposição solar e circulação de ar), zonamento e estado sanitário da vegetação existente, infraestruturas, propagação do som, capacidade de carga e condicionamentos relativos a impacte ambiental.

Após esta fase de detalhado reconhecimento da área, onde se insere também uma análise social que elucide o quotidiano dos utilizadores do espaço, sua cultura e necessidades, um Plano Geral poderá ser desenvolvido com maior acuidade. A resolução dos aspectos concluídos desta análise estará nas mãos do projectista, através da conjugação dos seus conhecimentos técnicos e aptidões artísticas, sendo possível a concretização de inúmeras soluções.



O projecto descontextualizado das necessidades e características do local e da população (consequência de uma deficiente análise ou fraca competência técnica) infraestruturação ou equipamento insuficiente, conflitos entre elementos da composição (como seja o mobiliário urbano, vegetação ou eventuais construções), uma incompatibilidade de usos, ou a falta de segurança e de espaço exclusivamente pedonal, apresentam-se como debilidades do espaço que promovem a sua rejeição e abandono.

Assim, segundo Alves (2003), cabe ao desenho:

- ✓ Propor um conjunto de soluções apoiadas em conhecimentos sociais, políticos e económicos;
- ✓ Explicitar as acções de demolição e construção, produzindo as necessárias alterações num espaço;
- ✓ Ser capaz de produzir no utilizador uma imagem clara e coerente, reconhecível dentro da malha urbana;
- ✓ Ser acessível para todos, eliminando as barreiras físicas e psicológicas que impeçam ou dificultem a sua utilização (excepcionando casos em que o objectivo seja, por exemplo, a segurança de determinado grupo afastando a criminalidade);
- ✓ Ilustrar um conjunto de funcionalidades sustentáveis, através do conhecimento daquilo que os utilizadores anseiam, ciente de que a monopolização de uma actividade perante outras pode atrair determinados utilizadores mas inibir os restantes;
- ✓ Promover a compatibilização entre todas as actividades que promove, acomodando-as da melhor maneira, dissolvendo possíveis conflitos e harmonizando o espaço;
- ✓ Possibilitar diferentes níveis de envolvimento entre o utilizador e o espaço através da existência de diferentes funções que este possa escolher e vivenciar;
- ✓ Produzir uma imagem unificadora do espaço e interligada com a sua envolvente, promovendo a continuidade da malha;
- ✓ Através das suas características físicas satisfazer o bem-estar psicológico dos utilizadores, promovendo segurança e conforto, convidando e estimulando a sua utilização;
- ✓ Criar espaços com custos de gestão e manutenção moderados.

Para Brandão (2002) o desenho de espaço público trata da capacidade de aumentar a competitividade económica entre cidades, a qualidade ambiental e a criação de locais de centralidade.

Para mim, trata-se da arte de fazer lugares para as pessoas.

### 3. ESPAÇO PÚBLICO: UM OLHAR SOBRE A CIDADE



*“Qual a necessidade ou ordem ou desejo terá impelido os fundadores de Zenóbia a dar esta forma à sua cidade, ninguém se recorda, e por isso não se pode dizer se terá sido satisfeito pela cidade tal como nós hoje a vemos, crescida talvez por sobreposições sucessivas a partir do primeiro e agora indecifrável desígnio.” (Calvino, 1993)*

**Fotografia 2 - Um olhar sobre a cidade**

Desde os tempos mais remotos, na antiguidade clássica da Grécia do século VI a.C. denunciava-se já a preocupação com o espaço público. Com o reconhecimento da importância do valor da cidade na qualidade de vida dos seus habitantes, a malha urbana tem vindo a sofrer as profundas alterações que acompanham a mudança dos tempos, com a evolução do conhecimento sobre a tecnologia e o avançar da indústria, o aumento demográfico e a expansão urbana, os novos desejos, sonhos e expectativas da comunidade.

A cidade que habitamos hoje é a cidade herdada de ontem, sedimentadas todas as alterações pelas quais sofreu, onde a continuidade da rede de espaços públicos apresenta papel estruturante, sendo a partir desta que a cidade adquire a sua forma.

#### **3.1. A Importância da Forma**

A forma dos espaços e dos elementos neles inseridos apresenta-se como uma componente importante na caracterização da paisagem, e consequentemente na percepção e sensação que adquirimos quando a confrontamos. O modo como a cidade se apresenta aos nossos olhos, a forma urbana, é fornecida pelas relações espaciais entre os elementos e os espaços que a compõem, a maneira como se articulam e organizam.

A combinação entre as três formas geométricas básicas - o quadrado, o triângulo e o círculo - pode dar origem às mais variadas formas, sendo estas determinadas por uma sucessão de pontos, linhas e planos. Assim, intimamente ligada ao desenho, a forma refere-se à configuração dos espaços, com os seus volumes, geometrias, planos e limites.

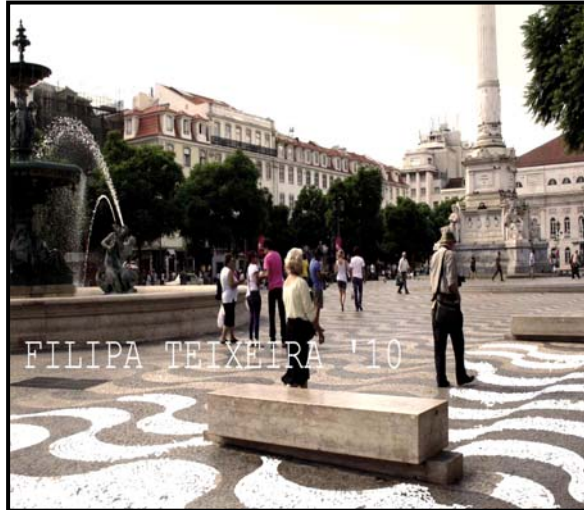
Historiadores identificam as estratégias de defesa como o motivo para determinada fundação da cidade antiga, com as suas muralhas em locais elevados. Em outras épocas era o simbolismo o fundamento que conduzia à forma, sendo através de uma série de rituais e cerimónias, interpretados como sinais divinos, que as entradas, espaços públicos e edifícios principais eram implementados. Ora no primeiro caso são as questões racionais e funcionais as únicas que estão na origem da forma, não satisfazendo questões afectivas ou ambientais, dificultando a identificação da sociedade com os espaços que a rodeia. O segundo caso, ao contrário do primeiro, satisfaz as questões afectivas relacionando-as com questões religiosas, mas apresenta-se deficiente no que respeita à funcionalidade. É, então, na combinação destes dois factores que deve residir o âmago do desenho formalizado, respondendo desde questões funcionais a estéticas, de modo a atender às necessidades dos utilizadores.

É neste campo que se insere a noção de boa forma da cidade, introduzida por Lynch (1999a), evocando a necessidade de adequar a forma aos valores sociais, relacionando-a intimamente com a função através de um urbanismo próximo do cidadão, onde o projecto de pormenor é indispensável - trata-se da forma capaz de satisfazer a sociedade. Partindo deste pressuposto, as estratégias de desenho são inúmeras, sendo que uma mesma função pode ser convenientemente manifestada em formas distintas. Além disso relembram Lamas (2000) e Lynch (1999a) que a forma não se encontra dependente apenas de uma ou mais funções, relacionando-se também com valores bem mais complexos, culturais, políticos e estéticos.

O desenho só pode ser convenientemente estabelecido, como refere Alves (2003), após o efectivo conhecimento da vida local, dos seus utilizadores e suas aspirações. E mesmo após a concretização de um projecto bem sucedido, os mesmos pressupostos não podem ser aplicados a um novo caso, não se verificando certamente o mesmo contexto, comprometendo a adequação do programa.

Para Lynch (1999a) a forma encerra em si diversos objectivos, cuja resolução projectual varia de acordo com a situação espacial e social a que dizem respeito, sendo claramente uns mais facilmente alcançáveis que outros, mas todos concorrentes para a promoção da qualidade de vida dos habitantes. Podem ser enunciados, entre outros, o aumento da segurança, a redução da poluição, o melhoramento da acessibilidade, a conservação de recursos materiais e energéticos, a preservação do equilíbrio ecológico, o conforto, ou a funcionalidade do espaço.

Algumas questões devem ser ponderadas...



**Fotografia 3 - As praças são importantes pontos de referência**



**Fotografia 4 - A acessibilidade auxilia o dinamismo**



**Fotografia 5 - A imagem da Rua Augusta**

A forma deve contribuir para a durabilidade<sup>1</sup> e legibilidade<sup>2</sup> do espaço, considerando a escala humana, possibilitando as interações entre espaço e indivíduos. O espaço deve ser visto e reflectido como um todo e não como um elemento isolado na cidade, compondo uma malha urbana coerente onde os seus habitantes se consigam localizar, referenciando os diversos pontos da malha, movimentando-se facilmente.

A acessibilidade a todos e a capacidade de manutenção devem também ser consideradas aquando do desenho do espaço, permitindo o seu usufruto indiscriminado e duradouro. Assim, a distribuição dos usos, a ligação com a rede viária e de transportes públicos, a não existência de obstáculos à movimentação de qualquer indivíduo, jovem, idoso ou com dificuldades motoras, devem ser questões ponderadas.

O carácter da rua não pode ser esquecido, representando a maior parte do tecido público urbano, como canal viário e pedonal, interligando os diversos espaços da cidade, onde os cidadãos se podem movimentar livremente e estabelecer laços comunitários. Como refere Alves (2003) os elementos fortificantes da cidade são as ruas e seus passeios, “a *imagem que nos fica da cidade que visitámos*”. A sua forma pode ser analisada segundo a sua largura e extensão, geometria, organicidade ou rigidez, hoje em dia muitas vezes apropriada pelo tráfego automóvel provocando conflitos e

<sup>1</sup> Resistência dos materiais à exposição aos diversos factores climáticos e circunstâncias de uso

<sup>2</sup> Termo que se refere à capacidade de reconhecer algo



dificultando as actividades direccionadas aos peões. Assim, Brandão (2002) refere que as funções primordiais da rua não podem ser esquecidas: promover a continuidade da malha urbana e a orientação, circulação e estadia de peões, acesso a edifícios, suporte de infra-estruturas várias.

Também a disposição dos elementos que compõem o espaço pode ser variada, respondendo a mais do que à sua funcionalidade. A sua integração no meio e a capacidade de interacção com a população depende em grande parte da sua disposição, da sua visibilidade, hierarquia e conforto (situando-se, por exemplo, mais protegidos do ruído, da insolação ou do vento). A noção de que, em determinadas alturas, o indivíduo necessita também da sua privacidade, mesmo em espaços públicos, se apresenta importante aquando da distribuição dos elementos que compõem o espaço, proporcionando soluções que apoiem momentos mais solitários.

Consciente das alterações que se têm vindo a verificar nas formas urbanas, resultado de novas maneiras de pensar, novas necessidades e exigências dos cidadãos, o desenho deve considerar as análises que de certa forma procuram prever as mutações da cidade contemporânea, promovendo espaços flexíveis e adaptáveis, abertos à evolução, aptos a responder a novas necessidades dos indivíduos. Relativamente a esta questão colocam-se ainda muitas dúvidas, sendo,

muito vago o conceito de flexibilidade. Como afirma Lynch (1999a) são poucos os conhecimentos acerca de como a sociedade deverá evoluir, e os existentes, alvo de controvérsia, e portanto de difícil aplicação ao território. A extensão da preocupação com o futuro provém da própria cultura e conhecimentos do indivíduo, e as perguntas obterão respostas mais fiáveis quanto mais curto for o espaço de tempo entre acontecimentos (Lynch, 1999a). Questões como o futuro aumento demográfico podem ser resolvidas através da implantação de espaços com uma maior capacidade de carga, mas isto implicaria acatar com o custo do fornecimento e manutenção dos recursos não utilizados (Lynch, 1999a). Ainda segundo este autor a melhoria da rede de transportes e comunicações apresenta-se talvez como a melhor aposta na adaptabilidade de uma cidade, sendo que os recursos



**Fotografia  
6, 7 e 8 -  
Formas de  
promover a  
privacidade  
mesmo em  
espaços  
públicos**

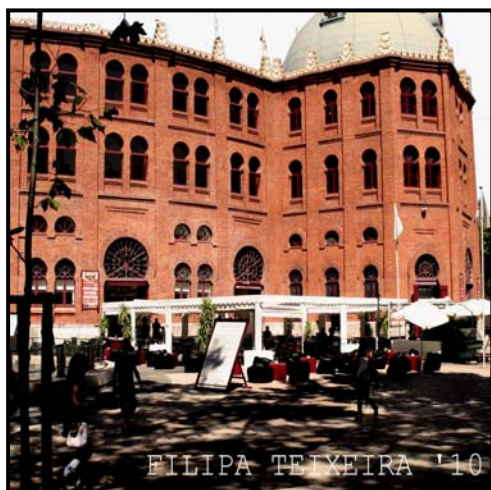
poderão facilmente ser deslocados de um local para outro, se dispusermos de informação e meio de transporte para tal. Certos materiais com maior facilidade de remoção podem também ser utilizados, tais como a madeira, a pedra, o tijolo ou a terra. Deve ser ainda salientado que a implantação de um espaço provido de flexibilidade apenas tem sentido se os seus encargos forem inferiores aos custos da sua extinção e construção de um novo espaço, dotado de novas formas e funcionalidades.

Deste modo, sinteticamente referindo as qualidades primordiais de um espaço, defende-se:

- ✓ A clareza e simplicidade da forma, qualidades que facilitam a identificação do espaço, sua compreensão e reconhecimento entre os outros espaços da cidade;
- ✓ A sua relação com o ambiente envolvente promovendo a noção de continuidade e não de fragmentação;
- ✓ A sua capacidade de suportar as diversas funções às quais se encontra destinado, correspondendo às actividades que os indivíduos necessitam desenvolver;
- ✓ A sua capacidade de se adaptar a novas actividades e alcançar novas pessoas.

### 3.2. O Estilo de Vida e a Curta Vida dos Estilos

Como foi referido no ponto anterior, a forma urbana vai-se transformando ao longo dos tempos, consoante o contexto social, e as necessidades e valores dos habitantes se



Fotografia 9 - As novas formas de vida no Campo Pequeno

modificam, sendo notáveis as alterações em todas as escalas de intervenção. O território urbano aumenta os seus limites com a implantação de mais áreas habitacionais, equipamentos e infra-estruturas; novos traçados viários e áreas verdes são impostos à escala do bairro; e na própria rua, o mobiliário urbano, pavimentos e arborização se alteram. São as novas necessidades que provocam a alteração das formas, pela carência de “*respostas a situações diferentes*” (Lamas, 2000).

Sem intenções de ser exaustiva, segue-se uma resumida abordagem acerca da forma como a organização da vida social tem vindo a evoluir ao longo dos tempos, ancorada na transformação da cidade e do seu espaço público, como meio que suporta as suas

necessidades. A questão que se coloca é a partir de que momento, na história, é que nos podemos referir ao termo cidade. Ora, a noção de cidade passa pelo entendimento de uma organização formal intencional das funções urbanas, e uma expressa preocupação com a arquitectura, numa estrutura capaz de condensar as facilidades necessárias à civilização. Referindo Mumford (1982) a evolução e a atracção pela vida social promoveram a passagem do Homem das cavernas ao acampamento, do acampamento à aldeia, da aldeia à povoação, e desta à cidade, repleta de complexidade e movimento, potencial humano e inventividade.

Considerada o berço da civilização, as primeiras cidades-estado<sup>3</sup> da Mesopotâmia foram o resultado de uma revolução agrícola e sedentarização da população. Situadas nas margens férteis dos rios, privilegiando a agricultura, segundo Delfante (1997) estas cidades apresentavam uma forma oval fortificada, atravessada por vários cursos de água. Os bairros residenciais, de ruas sinuosas, localizavam-se no lado nordeste privilegiados pelos ventos favoráveis, e os palácios e edifícios religiosos ocupavam no centro da cidade, distribuídos num traçado ortogonal, onde os zigurates<sup>4</sup> dominavam (Delfante, 1997). O sistema de irrigação avançado permite a criação de jardins de cobertura suspensos em terraços, e devido ao seu clima árido eram dispostos tanques de água nos jardins para diminuição da temperatura, sendo estes utilizados para reuniões de carácter político ou social (Jellicoe & Jellicoe, 1995).

A mão-de-obra humana era imensa, quer na Mesopotâmia quer no Egipto, para a construção de canais, fossos e templos religiosos, mas no Egipto o cenário modificava-se bastante. A geometria e escala sobre-humana dominavam a paisagem. Como refere Mumford (1982), a exaltação do poder provocou uma nova escala de expressão na arte, e a monumentalidade das obras espalha-se pelo território sob a forma de templos faraónicos, pirâmides, monumentos e túmulos.

De carácter também extremamente religioso, ergue-se Atenas, inicialmente dominada pela Acrópole<sup>5</sup> e mais tarde pela Ágora<sup>6</sup>, cidade onde a vida social se desenrolava ao ar livre, entre desfiles religiosos e trocas mercantis (Mumford, 1982). O traçado da malha apresentava-se geométrico, como forma de alcançar a perfeição, estruturado pelas suas alamedas e ruas. Segundo Mumford (1982) a Ágora era o ponto de encontro da população, em primeira instância como espaço de manifesto para discussão de questões morais e políticas, e mais tarde funcionando como local de comércio onde tudo se podia vender e comprar. Denotava-se aqui uma menor ligação com os jardins, onde os

---

<sup>3</sup> Pequenos estados independentes, com o seu centro político e poder monárquico (Delfante, 1997)

<sup>4</sup> Templos em forma de pirâmide com um santuário no seu topo, destinados à observação dos astros (Delfante, 1997)

<sup>5</sup> Recinto sagrado cercado por fortalezas, onde se localizam os monumentos religiosos (Mumford, 1982)

<sup>6</sup> Espaço aberto, rodeado pelos edifícios administrativos e pelo templo (Mumford, 1982)

elementos vegetais eram modelados segundo uma nova arte denominada topiaria, sendo as plantas mais utilizadas o buxo e os ciprestes (Jellicoe & Jellicoe, 1995).

Em Roma o traçado da malha urbana descendia da cidade Grega. Dois grandes eixos perpendiculares denominados Cardus, de orientação N-S, e Decumanos, de orientação E-O, serviam de base à construção da cidade, que se desenvolvia sobre o terreno numa simples quadrícula rodeada por muralhas. O fórum, situado no ponto de encontro entre os dois eixos, era inspirado na Ágora de Atenas, onde a população se fazia ouvir, a justiça era ministrada e o poder do imperador, suas vitórias e conquistas, eram demonstrados (Delfante, 1997). Com este crescente poder, a democracia foi-se perdendo e, com ela, a liberdade dos indivíduos, que viviam agora em bairros com fracas condições sanitárias que contrastavam com as construções imponentes de glorificação ao imperador (Mumford, 1982). Segundo este autor, com a queda do Império Romano, o desenvolvimento das cidades estancou, tendo mesmo muitas delas desaparecido e muitos habitantes se refugiado nas áreas rurais.

Em tempo de guerra, foi apenas a partir do séc. X que as novas cidades se começaram a erguer, em torno do castelo e protegidas dos invasores por muralhas. O mercado voltou a ganhar expressão, situando-se no centro da cidade junto aos edifícios religiosos, em particular com o desenvolvimento das práticas agrícolas, favoráveis pela localização em solos férteis, e à construção naval (Mumford, 1982). A praça apresentava-se apenas como um vazio entre a densa malha edificada, percorrida por ruas irregulares e orgânicas, resultado da adaptação à situação morfológica em que se encontrava, em pontos estratégicos em termos defensivos (Delfante, 1997). O jardim medieval era encarado como um espaço de sociabilização e festa, onde a população se vestia a rigor e as classes superiores conviviam com as classes mais desfavorecidas. Segundo Jellicoe & Jellicoe (1995), a sua delimitação obrigatória, o elemento água numa fonte centrada, os espaldares de rosas, os canteiros com flores aromáticas, medicinais e vegetais comestíveis, e a topiaria, eram elementos que o caracterizavam.

Entre os séculos XV e XVIII assistiu-se a uma mudança notável na vivência urbana. O desejo de aumentar o conhecimento científico e os resultantes avanços tecnológicos enquadram-se no que se denominou de Revolução Científica, com a qual a capacidade de transformação da natureza e a aceleração do crescimento demográfico se apresentaram como factores determinantes. O fortalecimento da confiança nas capacidades humanas, acreditando que esta revelaria todos os segredos da natureza, permitiu que a humanidade evoluísse rapidamente. Como refere Jellicoe & Jellicoe (1995), a preocupação com a descoberta dos segredos da proporção matemática reflectiu-se nos ideais da composição clássica, e foram levados à sua grande expressão numa geometria perfeita - o traçado ortogonal, os jardins formais e regulares, os grandes eixos de simetria.



Segundo Lamas (2000) no início do séc. XV a população encontrava-se ainda muito concentrada nos núcleos urbanos medievais, sendo o desenvolvimento dos traçados lento e pouco significativo. Não foram muitas as cidades Renascentistas construídas, e as que se elevaram respondiam essencialmente a propósitos militares. O traçado rectilíneo das ruas e alamedas, onde os primeiros veículos de roda pertencentes às classes mais abastadas circulavam, gera a expansão do território segundo uma rede de quadrículas onde imperava a geometria, e as amplas alamedas e parques suportavam a vida social. A praça readquire valor, situando-se entre os principais edifícios administrativos e religiosos, onde a vida urbana se processava (Lamas, 2000). Fontes, estátuas e obeliscos pontuavam o centro e os nós entre a malha, como importantes pontos focais de orientação. Os jardins procuravam referências em Grécia e em Roma, sendo criados para o Homem, como espaço de prazeres, onde a vegetação se caracterizava por receber cortes, adquirindo formas determinadas, geralmente geométricas (esferas ou cubos, pirâmides e cones, espirais e obeliscos) mas representações de pessoas, animais e objectos foram também populares (Jellicoe & Jellicoe, 1995).

Baseado na arte da ilusão e do teatro, contrapondo-se à calma e equilibrada paisagem do Renascimento, o período Barroco do séc. XVI caracterizava-se pela criação de espaços imaginativos e de movimento, com jogos de luz induzidos por fachadas côncavas e convexas, predomínio da escala monumental, unidade entre o céu e a paisagem marcada pela água que reflectia o céu percorrendo avenidas que se estendiam indefinidamente (Jellicoe & Jellicoe, 1995). O traçado rectilíneo clássico e as imponentes praças, as esculturas e fontes com efeitos hidráulicos, obras de arte que pontuam o espaço, e os soberanos castelos e jardins de Vaux-le-Vicomte e Versailles, simbolizavam a magnificência do poder aristocrático (Mumford, 1982).

O modelo de desenvolvimento que se verificou desde o séc. XIX é resultado do êxodo rural induzido pela falta de incentivo à agricultura e ao uso das terras para pastos de ovelhas que alimentavam de lã as primeiras indústrias têxteis. Assim, inúmeros trabalhadores foram empregados em fábricas, em condições miseráveis. A mecanização desqualificava o trabalho, o que tendia a reduzir o salário reduzindo a qualidade de vida da população e aumentando o número de mendigos em todos os cantos da cidade e as condições de precariedade nos centros urbanos. Neste período a densidade de construção era demasiado elevada, a construção caótica instalava-se nas periferias urbanas e apresentava grande carência em luz e ventilação, equipamentos e espaços verdes. As grandes áreas industriais percorriam as principais vias de acesso, as habitações modulares distribuídas ao acaso em nada se assemelhavam às construções tradicionais que se preocupavam com as matérias-primas e o posicionamento geográfico (Alfaiate, 2000). O território surgia fragmentado, onde as construções não apresentavam qualquer articulação

com o espaço em redor, espaço deficiente, espaço cinzento e desumano. Tornava-se imperativo conceber metodologias que permitissem o desenho de novas cidades, planeadas, suprimindo as carências em equipamentos públicos e espaços verdes, resolvendo os problemas de degradação das águas, solos e paisagens, retomando os valores estéticos e sociais há tanto esquecidos.

Com o propósito de inverter o rumo em que o crescimento urbano havia ingressado, mas sem quaisquer intenções de reingressar nas formas de construção tradicionais, o Período Moderno é caracterizado pela racionalidade e funcionalismo das construções, onde a função impera sobre as questões formais e estéticas. De princípios expressos na Carta de Atenas, em 1933, as soluções encontravam-se subjacentes às funções elementares de habitar, trabalhar, recrear e circular (Magalhães, 2001). Na cidade-jardim modernista, eram as preocupações higienistas que conduziam a escolha do local de construção das edificações modulares, que privilegiava a melhor exposição solar, inseridos numa matriz verde, encontrando-se, no entanto, desligadas em relação ao alinhamento das ruas. Estas perdem assim o seu papel como elemento estruturante da cidade e suporte da vida social dos seus habitantes, surgindo isoladas entre espaços abertos desarticulados. Segundo Francisco (2005) não sendo a estrutura urbana gerada a partir das diversas tipologias de espaço público, este sofreu um zonamento extremamente rígido, caracterizado pela monofuncionalidade, resultando na sua desvalorização e abandono. Os espaços apresentavam-se assim fracassados no seu propósito de servirem a população, ignorando a sua importância como suporte dos múltiplos aspectos da realidade urbana.

Movimento contestatário ao modernismo, com a sua exclusiva preocupação em satisfazer as questões funcionais elementares, reconhecendo a insuficiência da Carta de Atenas, o Pós-Modernismo revelava o desejo de retomar os princípios tradicionais de relação com o lugar, através da criação de espaços simbólicos. As questões funcionais são assim ultrapassadas pelas questões formais, readoptando a postura criativa e artística já posta de parte. Afirma ainda Francisco (2005) que em meados dos anos 80 se assiste a uma competitividade entre cidades, induzindo comparações entre a qualidade de vida proporcionada em cada uma, o que conduziu à reconquista do espaço público. O alinhamento da rua é de novo respeitado e potenciada a sua animação e vida, os logradouros privados passam a públicos ou semi-públicos, numa malha urbana em quarteirão (Magalhães, 2001), uma arquitectura para o cidadão é, de novo, procurada.

Cavaco (2005) defende que nos encontramos na era da terceira revolução urbana, onde se verifica um processo de alteração na forma de pensar, implementar e governar as cidades, tal como sucedeu na cidade do renascimento e na cidade da Revolução Industrial. Naturalmente os modos de vida urbanos da actualidade não se enquadram nos usos que se verificavam dos espaços urbanos tradicionais. Torna-se então necessário recorrer à

adaptação destes espaços aos novos costumes e quotidiano urbano, de modo a responderem às novas necessidades dos utilizadores. Como refere Delfante (1997), uma cidade “do nosso tempo” que possua as mesmas qualidades que a cidade tradicional possuía para os seus habitantes, é o objectivo a atingir.

Certos de que a concepção do projecto de espaço público assente em pressupostos ideológicos, culturais e estéticos é insuficiente, dada a evolução e controvérsia que estes têm verificado ao longo dos tempos e entre a própria sociedade, e sendo as questões funcionais por si só incapazes também de satisfazer as necessidades dos cidadãos, mais uma vez se faz menção à harmonia necessária entre forma e função, bem como ao projecto flexível, consciente e capaz de adaptação às mudanças futuras.

### 3.3. O Todo e as Partes

É através do espaço público, e da continuidade formal, ambiental, funcional e móvel que este promove quando fruto de um desenho coerente, que se torna possível a conexão do território, indispensável à satisfação e bem-estar da população.

Nos nossos tempos, onde a diferenciação social é cada vez mais sustentada por grandes disparidades ao nível económico, a individualização dos espaços conduz a uma complexidade e heterogeneidade extremas. Em particular, o aumento da criminalidade e da violência têm vindo a ser factores influentes nas mudanças na organização espacial das cidades, com as classes mais abastadas se isolando em zonas nobres da cidade ou mesmo em condomínios fechados, promovendo a exclusão social - os mais abonados fogem dos locais onde os mais desfavorecidos se reúnem e estes últimos, por não comportarem benefícios económicos suficientes, não apresentam poder de compra para frequentar os mesmos espaços dos primeiros, sendo a maioria das vezes excluídos e discriminados (é de notar que, segundo afirma Salgueiro (1997), os estudos indicam que o consumismo, relacionado com as actividades económicas presentes no espaço, é quase sempre associado à questão da apropriação dos espaços).



**Fotografia 10 - As actividades económicas são quase sempre associadas à apropriação dos espaços**

A vivência dos espaços torna-se assim controlada por mecanismos de segregação, onde os diferentes grupos sociais deixam de conviver em conjunto e o tecido urbano é difícil de decifrar (Salgueiro, 1997). O princípio da máxima abrangência é abandonado, com a acentuação da fragmentação sócio-espacial, onde a existência de enclaves territoriais diversos interrompem a continuidade da malha urbana que os rodeia, sejam eles um centro comercial em plena área rural ou um condomínio de luxo num bairro popular.

Cada vez mais a noção de bairro como suporte das necessidades quotidianas perde sentido, sendo estas satisfeitas por pontos dispersos no território ligados apenas pelas práticas de cada indivíduo e não pela articulação entre os próprios pontos. Como explica Carvalho (2003) hoje em dia cada indivíduo cria a sua própria rede de sociabilidade ao escolher os pontos que o interessam, contrariamente ao que se verificava na cidade tradicional onde era entre o bairro/vizinhança e o centro único que se estabeleciam os laços



sociais. A respeito deste assunto, deve ser lembrada a importância das relações sociais de proximidade, que se verificavam antigamente, embora não se deva também desvalorizar a liberdade de escolha, a livre iniciativa, que é possibilitada nas cidades dispersas de hoje.

**Fotografia 11 - Apesar do magnetismo das grandes superfícies a mercearia de bairro ainda sobrevive**

Como refere Cavaco (2005) são inúmeros os autores que se têm vindo a debruçar sobre este assunto, sendo várias as denominações que têm aplicado à realidade urbana emergente, tais como: "*cidade difusa* (F. Indovina), *cidade genérica* (R. Koolhaas), *cidade global* (S. Sassen), *metapolis* (F. Asher), *cidade de bites* (Mitchell), *cidade em rede* (Dematteis) ou *Zwischenstadt* (Sieverts)". As designações são diversas, mas o objectivo semelhante - o de procurar entender a realidade urbana, facilitando a sua leitura e formando teorias de desenvolvimento que não comprometam a qualidade futura do espaço.

Segundo Salgueiro (1997) o padrão à partida aleatório da implantação de determinados espaços, com determinadas funções, apresenta-se na sua maioria como resultado da reabilitação de imóveis degradados ou de áreas antigas, ou cuja compra apresenta baixos custos, como por exemplo em bairros sociais. Trata-se então de uma questão das oportunidades fornecidas pelo mercado imobiliário pouco regulado, ao invés dos objectivos de desenvolvimento local, onde a escolha do local de implantação se verifica segundo a envolvente física e social, com o conhecimento da qualidade do ambiente e das necessidades locais. Isto vai originar o aparecimento de novas centralidades de comércio e

serviços, que provocam o abandono do centro tradicional. Salgueiro (1997) salienta ainda que a perda das vantagens tradicionais dos territórios foram potenciadas pelo elevado desenvolvimento das redes de transporte público, determinando o aumento da competitividade entre os territórios e largas mudanças na gestão destes. Caminhamos assim para uma ocupação pontual do território sem laços de vizinhança, contrária à ocupação extensiva tradicional, denotando-se “*contiguidade sem qualquer continuidade*” (Salgueiro, 1997).

Também a expansão urbana desordenada e desmedida, associada ao forte crescimento das cidades, conduz frequentemente à falta de continuidade da malha urbana e desarticulação da rede viária, onde a carência de equipamentos de recreio e de espaços verdes constituem os principais problemas. Considera-se assim da mais extrema importância a estruturação e unificação da cidade de forma coerente, recorrendo à qualificação do espaço público fazendo surgir espaços de uso múltiplo e promovendo a inter-ligação das malhas bem como a coerência da rede viária e da estrutura ecológica.

Dependendo da integração do espaço na realidade em que se insere, este pode promover também a coesão ao nível socioeconómico, a qual é gerada pelo desenvolvimento de dinâmicas económicas. Estas dinâmicas são influenciadas essencialmente pelas tipologias, número e especialização das actividades económicas presentes no espaço, que tanto podem funcionar como um atractivo à população como ser um elemento de exclusão social, mas sempre como geradores de emprego.

Estas problemáticas não têm peso apenas nas áreas metropolitanas de grande dimensão, já consolidadas e desenvolvidas, mas acima de tudo são factores de grande impacto em áreas mais pobres e fragilizadas, onde a rede de transportes se apresenta inapta para garantir as ligações necessárias e a qualidade de vida da população é precária.

Deste modo, no sentido de promover a coesão territorial, torna-se indispensável o conhecimento do contexto do território no qual o espaço será inserido, a área contígua ao espaço e a área de inserção propriamente dita, integrando as estratégias e orientações definidas pelos instrumentos de gestão e desenvolvimento territorial existentes, não permitindo que o projecto a nível local suprima os grandes planos (Carvalho, 2003). A importância de uma coerente integração do projecto na sua envolvente, assegurando a sua ligação com as redes pré-existentes, tais como a estrutura verde e a estrutura edificada, as infra-estruturas, os equipamentos e serviços públicos não pode ser descurada. Para tal a cidade deve ser entendida como um todo composto por diversas partes inter-ligadas entre si, denotando-se uma continuidade do tecido e uma qualidade visual que estimule o bem-estar físico e psicológico da população.

### **3.4. Planos Estratégicos para o Espaço Público**



**Fotografia 12 - A harmonia entre os diversos usos do espaço potencia a sua vivência**

Tal como referido em epígrafe o espaço público desempenha um papel primordial no que respeita aos princípios da coesão territorial. Ora, sendo este espaço projectado com o intuito de ser usufruído por toda a população, a sua complexidade é imensa, factor que simultaneamente o torna atraente aos seus utilizadores e problemático na conexão do território.

A inexistência de uma visão de futuro aliada à aceleração das transformações urbanas e das mutações sociais nas cidades afecta directamente esta problemática, sendo imperativo introduzir o conceito de coesão territorial nos processos de planeamento. Apenas através da conjugação entre o conhecimento das características do local de inserção do projecto e de uma estratégia de ocupação do espaço urbano com vista à coesão do território se torna possível a concepção de um projecto de espaço público integrado na sua envolvente e adaptado às necessidades da população.

Neste sentido, definem-se, no PEEP, os princípios orientadores do processo de planeamento para a cidade, racionalizando e sistematizando a ocupação do espaço público e promovendo a contenção de custos, a durabilidade, identidade e manutenção. Estes princípios não se apresentam como regras rígidas nem estáticas, sendo vital a sua adaptação à realidade específica de cada espaço, com as suas deficiências e potencialidades particulares, respeitando os índices definidos nos instrumentos de planeamento existentes para a área em causa, como sejam os Planos Directores Municipais, Planos de Urbanização, Planos de Pormenor, Planos de Estrutura Verde, etc.

#### **3.4.1. Plano Estratégico para o Espaço Público de Lisboa**

Competência da CML, este Plano Estratégico procura a reabilitação do espaço público da cidade de Lisboa através da criação de um programa de acção sistémico, integrando todos os vectores de qualificação do espaço público.



O PEEPL encontra-se ainda em desenvolvimento, e rege-se por Princípios Globais tais como a identidade (consequência da percepção que cada utilizador tem do espaço), consistência (harmonia entre o espaço e a sua envolvente) e continuidade (coerência formal e funcional do tecido urbano), por Princípios Funcionais como a mobilidade, legibilidade, diversidade e segurança/conforto, bem como por Princípios de Gestão, onde se inserem a durabilidade e a sustentabilidade. A coexistência destes princípios no processo de planeamento procura promover a resolução dos principais problemas actualmente visíveis no espaço público de Lisboa, entre os quais podem ser enumerados:

- ✓ As excessivas áreas de estacionamento automóvel em detrimento dos espaços de circulação para o peão;
- ✓ A má implantação de equipamentos e mobiliário, bem como a ineficácia entre sistemas de comunicação que promovem más condições de circulação quer pedonal quer viária;
- ✓ A desqualificação da paisagem, consequência da ilegal e excessiva afixação de publicidade, grafitis, edifícios devolutos, etc;
- ✓ A carente manutenção dos espaços;
- ✓ A existência de áreas com carência de ensombramento;
- ✓ A sujidade;
- ✓ Etc.

Com base na metodologia de trabalho da sobreposição de layers, metodologia que permite a simplificação da tarefa de análise e diagnóstico do espaço através do estudo individual de cada elemento que o compõe, foi prevista a elaboração dos seguintes planos: o Plano de Estrutura Verde, o Plano de Arvoredo, o Plano de Pavimentos (já terminado), o Plano de Acessibilidade e Mobilidade, o Plano de Sistematização e Homologação do Equipamento e Mobiliário Urbano, o Plano de Recreio Integrado, o Plano de Iluminação Pública, o Plano de Publicidade e o Plano de Concessão de Equipamentos.

Todos estes planos concorrem para um mesmo objectivo de total interesse comunitário - tornar o espaço público urbano acessível e desenhado para todos, fomentando a vida ao ar livre, ao mesmo tempo que são privilegiadas as componentes ambientais urbanas, através de uma estratégia que apoie e preserve a Estrutura Ecológica Urbana.

Para este efeito encontram-se já definidos alguns princípios importantes de desenho do espaço público, os quais são enunciados em seguida:

- ✓ Promover a qualidade ambiental e a sustentabilidade ecológica, privilegiando a diversidade da flora e da fauna, a permeabilidade do solo, a diminuição da poluição, o isolamento acústico, o controlo dos ventos, a qualidade visual, entre outros;

- ✓ Promover a sistematização do mobiliário urbano e dos materiais a utilizar (inertes ou vegetais, equipamento de rega e iluminação, e mobiliário urbano), numa perspectiva de coerência de todo o projecto e da cidade;
- ✓ Promover a adequação do mobiliário urbano e dos materiais ao uso a que estão destinados e à envolvente;
- ✓ Dar preferência à utilização de materiais de fácil manutenção e elevada resistência;
- ✓ Utilizar materiais de elevada tracção, em áreas inclinadas;
- ✓ Privilegiar a utilização de pavimentos permeáveis ou semi-permeáveis;
- ✓ Privilegiar a circulação pedonal contínua e em rede, promovendo a sua legibilidade e segurança;
- ✓ Em áreas novas, colocar passeios com largura não inferior a 4,0m, para implantação de mobiliário urbano e arborização, salvaguardando uma distância de 2,0m para circulação livre;
- ✓ Em áreas históricas e consolidadas, colocar passeios com largura não inferior a 1,5m, salvaguardando uma distância de 1,2m para circulação livre;
- ✓ Privilegiar a arborização dos eixos viários e das áreas de estacionamento automóvel, sendo dada particular atenção à utilização da flora autóctone em detrimento de vegetação exótica, com maior adaptabilidade e durabilidade, mais fácil manutenção, e redução do consumo de água;
- ✓ Proteger as caldeiras das árvores, as quais devem apresentar uma dimensão mínima de 1,5m, quando em situação de proximidade de estacionamentos;
- ✓ Projectar áreas relvadas cuja configuração diminua os gastos em manutenção e rentabilize os sistemas de corte e rega;
- ✓ Implantar mobiliário urbano de alta resistência e durabilidade, e com manutenção pouco exigente, com certificado de qualidade segundo as normas europeias;
- ✓ Articular a implantação do mobiliário urbano com os restantes elementos de projecto, nomeadamente com a plantação de árvores;
- ✓ Implantar apenas objectos com altura superior a 0,70m (sendo proibido o contrário);
- ✓ Articular a localização dos elementos de iluminação com os restantes elementos de projecto, garantindo a sua altura adequada a uma eficiente iluminação do espaço;
- ✓ Projectar espaços auto-sustentáveis, através da utilização de água de rega proveniente de ETARs ou depósitos para recolha de águas pluviais e do recurso a sistemas de células foto-voltaicas ou utilização de LEDS para economia na iluminação.

Em todos os projectos deve ser incluído um Plano de Manutenção, com estimativas de custos, a ser aprovado pela CML.



### 3.4.2. Plano Estratégico para o Espaço Público de Londres

É solicitado ao prefeito de Londres, pela Greater London Authority<sup>7</sup>, que produza estratégias de desenvolvimento para a sua cidade, as quais devem ser integradas e coerentes, reflectindo as políticas nacionais e obrigações internacionais. Neste processo, a saúde dos londrinos, a igualdade de oportunidade e a contribuição para o desenvolvimento sustentável do Reino Unido são três temas que não podem em algum momento ser esquecidos (Cheetham, 2004).



**Fotografia 13 - As ruas de Londres**

O *London Plan*, adoptado em Fevereiro de 2004, pretende acomodar dentro dos limites da cidade o incessante aumento da população que se tem vindo a sentir nos últimos 20 anos, sem interferir com os seus valiosíssimos espaços verdes. Com efeito, este Plano integra as dimensões económica, social e ambiental no plano de desenvolvimento futuro da cidade, procurando solucionar os principais problemas actuais, entre os quais:

- ✓ O intenso tráfego que dificulta as viagens em redor da cidade;
- ✓ Os elevados custos de habitação, devido à sua escassez face ao aumento da população, com implicações respeitantes à diminuição do nível de vida dos cidadãos;
- ✓ A polarização económica e social
- ✓ Fenómenos de descriminalização e exclusão social que afectam as minorias étnicas;
- ✓ O diminuto investimento em espaços públicos e sua insuficiente manutenção;
- ✓ O aumento da poluição;
- ✓ Etc.

A estratégia desenvolvida passa por identificar quais as potenciais áreas de crescimento e as áreas a reabilitar, identificar e potenciar as centralidades urbanas, e melhorar a qualidade de vida nos subúrbios.

Cinco são os objectivos principais deste Plano, implícitos em todo o seu conteúdo: criar uma cidade para todos, próspera, justa, acessível e verde.

Cheetham, (2004) refere que, especialmente dado ao forte crescimento de Londres, elevados padrões de desenho são imprescindíveis para criar uma cidade melhor, mais verde e mais atraente para os seus cidadãos. Por exemplo, as áreas de exclusão social são

---

<sup>7</sup> A Greater London Authority é uma autoridade regional de Londres, cuja sede se localiza na Prefeitura de Londres onde se abriga também o gabinete do prefeito e a Assembleia de Londres (<http://www.london.gov.uk/>)

geralmente associadas a ambientes pobres e hostis, devendo um desenho mais inclusivo fazer parte da sua regeneração. Um desenho pobre resulta em uso ineficiente e fragmentado do espaço, promovendo ambientes hostis e desagradáveis.

Assim, é proposta, neste plano, a criação de parcerias que deverão preparar directrizes de desenho para a cidade, cientes dos princípios de desenho para uma cidade compacta:

- ✓ Maximizar o potencial de vistas;
- ✓ Implementar espaços públicos;
- ✓ Dar ou reforçar uma multifuncionalidade dos espaços;
- ✓ Criar espaços acessíveis para todos os utilizadores;
- ✓ Criar espaços sustentáveis, duráveis e adaptáveis;
- ✓ Criar espaços seguros para os ocupantes e transeuntes;
- ✓ Respeitar o contexto local, o carácter e as comunidades;
- ✓ Criar espaços práticos e legíveis;
- ✓ Criar espaços atraentes para o olhar;
- ✓ Respeitar o meio ambiente natural;
- ✓ Respeitar o património edificado.

Criar espaços multifuncionais também pode ajudar a alcançar um desenvolvimento intenso, utilizando o mesmo espaço para mais de uma finalidade. Estes espaços são geralmente dinâmicos e contribuem para a segurança através da prevenção da existência de áreas que se podem tornar desertas e hostis.

Este plano considera também de extrema importância a elaboração de Planos de Gestão de Vistas onde é seleccionado um conjunto de pontos de vista de importância estratégica, considerados quando:

- ✓ O ponto de vista é acessível ao público;
- ✓ Partes importantes de Londres ou edifícios significativos são visíveis;
- ✓ O ponto de vista é altamente valorizado e permite a apreciação e compreensão de Londres como um todo, ou de elementos importantes dentro dele;
- ✓ A vista representa pelo menos um dos seguintes: um panorama de uma parte substancial de Londres, uma perspectiva ampla ao longo do rio ou a vista de um espaço urbano.

Aquando da elaboração dos Planos de Gestão de Vistas deve-se procurar:

- ✓ Promover uma apreciação de Londres a nível estratégico e identificar edifícios marcantes;
- ✓ Procurar melhorar a vista e o ponto de vista em termos de acesso;
- ✓ Evitar danos indevidos à vista ou por bloqueio ou pela implementação inaceitável de um elemento intrusivo que se impõe no plano de vista.

É ainda imperativo realçar que o *London Plan* privilegia o envolvimento das comunidades locais no processo de desenvolvimento, colaboração que auxilia a que os novos edifícios e espaços sejam bem-vindos e respeitados pela população local.

Outro instrumento estratégico elaborado para Londres é o *Streetscape Guidance*, adoptado em Agosto de 2005 e revisto em 2006, 2008 e 2009.

*“The Mission: ‘To manage London’s streets better for people’  
The Vision: ‘The world’s best managed streets for a world class city’”*  
(Cheetham, 2005)

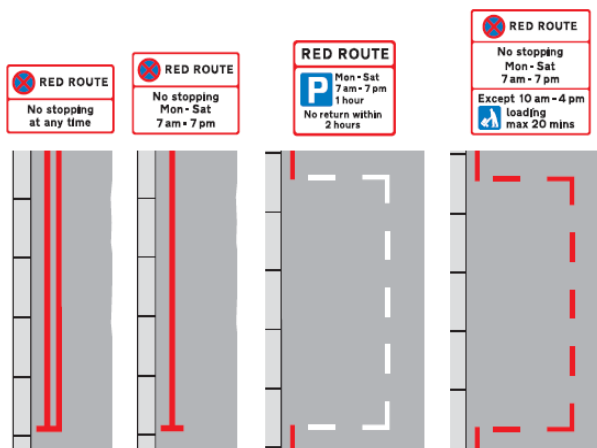


Fig. 6 - Obrigatoriedades nas Red Routes

Fonte: <http://www.direct.gov.uk>

Este documento salienta que a importância das ruas de Londres, sendo estas são rotas que servem a economia da Capital, através da circulação de transporte público e privado, fornecimento de bens e serviços, comunicações, gás, água e electricidade. Mas são também lugares para as pessoas, onde moradores, trabalhadores e visitantes interagem.

Cheetham (2005) afirma que o processo de desenho, requer atenção cuidadosa aos detalhes e uma compreensão efectiva dos problemas, conflitos e necessidades. O autor refere ainda que o tamanho e a natureza dos projectos devem influenciar o método de aquisição da equipa de projecto, que deve ser multi-disciplinar, apta a solucionar quaisquer questões além da sua área particular de especialização. Devem então ser do seu conhecimento diversos temas, tais como:

<sup>8</sup> Órgão responsável pela gestão de serviços de transporte em toda a Grande Londres (<http://www.london.gov.uk/>)

<sup>9</sup> Também designado por *Red Routes*, trata-se da Rede de Estradas Estratégicas de Londres, que se estende por um total de 580Km em áreas urbanas (5% das estradas de Londres) e suporta  $\frac{1}{3}$  do tráfego total da cidade (<http://www.london.gov.uk/>)

O documento destaca políticas e orientações relevantes no processo de planeamento e define princípios específicos de desenho, incluindo uma paleta de materiais e produtos a implementar. Trata-se de um instrumento de trabalho para aqueles dentro da TfL<sup>8</sup> com responsabilidade para a gestão e exploração da TLRN<sup>9</sup> (Cheetham, 2005).

- ✓ O contexto político relevante e os objectivos de cada uma das equipas da TfL envolvidas na gestão e operação da rua bem como as iniciativas locais, regionais e nacionais;
- ✓ O contexto da rua em relação à paisagem envolvente e desenvolvimento urbano, com ênfase sobre o património e áreas protegidas;
- ✓ A função e aspecto da rua, não apenas como um corredor de transporte, mas também como uma parte da comunidade local e as actividades e usos em ambos os lados;
- ✓ O processo de gestão da rua e as diferentes pressões e prioridades em que as várias partes do TfL trabalham. Isto inclui a segurança e a inter-dependência entre as organizações.

A utilização dos pormenores destacados no *Streetscape Guidance*, tais como pavimentos e remates, materiais, mobiliário, etc., possibilita uma maior eficácia no alcance dos padrões exigidos, reduzindo também o tempo gasto no processo de desenho e os custos. Este Guia poderá, no entanto, não ser adequado na concepção de determinados projectos e novos pormenores deverão ser preparados.

Reconhecendo que a TLRN foi concebida para o movimento de veículos, a rede é também usada por um grande número de peões e ciclistas. As necessidades destes devem ser satisfeitas através de diversas soluções enunciadas no Guia:

- ✓ Faixas para peões protegidas da passagem dos veículos;
- ✓ Faixas para peões e ciclovias adequadamente iluminadas, permitindo que peões e ciclistas sejam vistos;
- ✓ Rotas que tenham um propósito claro (ou seja, com início e término) e reflectam linhas de desejo;
- ✓ Rotas legíveis, que sejam acessíveis e óbvias através do seu desenho, reduzindo a necessidade de sinalização para peões;
- ✓ Faixas para peões e ciclovias sem obstáculos que impeçam ou dificultem a passagem, incluindo o estacionamento de veículos;
- ✓ Ruas sem locais recônditos que facilitem o crime;
- ✓ Faixas para peões e ciclovias cuja utilização seja confortável, com superfícies bem drenadas e locais para descansar.

Cheetham (2005) salienta ainda que o carácter do local por onde a TLRN passa deve sempre ser respeitado - tanto os atributos físicos da paisagem como também as actividades e dinamismo da comunidade local devem ser considerados. Assim sendo, este autor defende que a equipa de projecto deve assegurar:

- ✓ Melhoramentos que respondam às aspirações da comunidade local;

- ✓ Que o trabalho na TLRN se encontra integrado na paisagem envolvente, ecologia local e ambiente construído, e respeita a coerência local e os arranjos espaciais;
- ✓ Que o património local é respeitado;
- ✓ Que as actividades que são promovidas em cada lado da rua estão integradas no desenho da TLRN.

Este documento não esquece o direito de toda a população à acessibilidade ao espaço público, direito esse que deve incluir os indivíduos com mobilidade reduzida e deficiência visual, bem como qualquer outra incapacidade. Particularmente importante é a criação das ruas onde:

- ✓ Todo o tipo de pessoas possa aceder aos diferentes modos de transporte e mudança entre eles;
- ✓ As pessoas se possam mover ao longo das faixas para peões, sem desordem, má qualidade dos materiais e obstáculos;
- ✓ Esteja presente uma iluminação adequada, que melhore a segurança para todos os utentes e especialmente para os mais vulneráveis membros da sociedade.

Investimento adequado e contínuo cuidado são necessários para garantir ruas seguras, funcionais e sustentáveis. O Guia procura promover a sustentabilidade através de:

- ✓ Uso de materiais com durabilidade e pormenores de construção que garantam uma longa vida útil;
- ✓ Escolha de materiais e desenhos que encarnam soluções simples e sem idade, flexíveis à mudança, de forma a assegurar que a rua não se tornará numa vítima de design de moda de curto prazo;
- ✓ Redução do número e variedade dos materiais utilizados;
- ✓ Garantia de que os arruamentos existentes são geridos e mantidos segundo padrões adequados.

Deve ser lembrado ainda que os melhores desenhos podem ser arruinados pelo mau trabalho na obra e pela falta de supervisão durante a construção. Ao empreiteiro deve ser solicitado que comente sobre os problemas que pode prever durante a construção em reuniões periódicas.

## 4. O ESPAÇO PÚBLICO ENQUANTO ESPAÇO SOCIAL



*“Mas a verdade é que quem habita Zenóbia se lhe pedirem que descreva como veria ele a vida feliz, é sempre uma cidade como Zenóbia que imagina, com as suas palafitas e as suas escadas suspensas, uma Zenóbia talvez toda diferente, toda desfraldada de estandartes e de faixas, mas obtida sempre combinando elementos daquele primeiro momento.”*  
(Calvino, 1993)

**Fotografia 14 - A relação entre espaço e sociedade é profunda e determinante para a qualidade de vida dos indivíduos**

É notória uma relação profunda entre espaço e sociedade - a qualidade do ambiente no qual trabalhamos, moramos, passeamos e nos divertimos influencia determinantemente a qualidade de vida de cada um de nós. Na mesma linha de raciocínio se insere Croft (2001), admitindo que a construção da cidade só pode ser bem sucedida quando com o conhecimento dos seus habitantes e seus costumes. A estimulação visual encontra-se implícita na noção de qualidade urbana, promovendo a relação entre o indivíduo e o espaço.

### 4.1. A Apropriação do Espaço

É através da experimentação do espaço que o indivíduo o percebe, identificando-o e distinguindo-o dos restantes espaços da cidade, formulando uma imagem mental que fica retida na sua memória. Mas sendo a sociedade composta por inúmeros indivíduos com as mais variadas culturas e valores, a percepção apresenta-se como um processo individual, fruto de hábitos distintos e vivências passadas. Aqui a legibilidade apresenta-se como factor crucial, sem a qual o espaço não apresentaria uma imagem clara aos nossos olhos.

Outro conceito introduzido por Lynch (1999b), e que influencia também todo este processo, é o de imaginabilidade. Isto diz respeito aos factores de natureza física presentes em cada espaço ou objecto, capazes de reproduzir uma imagem poderosamente estruturada e identificada no utilizador, tornando esse espaço único e inesquecível. Para tal contribuem as características biofísicas, tais como o clima, o solo, a água, a fauna, a flora, bem como as especificidades do desenho do espaço, como os elementos construídos, a disposição das áreas verdes e escolha dos elementos vegetais, etc.



Este processo perceptivo e consequente apropriação do espaço são então conseguidos através da visão, que Cullen (2006) denomina de visão serial, com a qual o indivíduo percorre o espaço, descobrindo-o e retendo-o na sua memória. Ou seja, através da percepção visual as imagens são retidas na memória do indivíduo e articuladas com as diferentes experimentações passadas e as diversas percepções já adquiridas. Melhor ainda explica Arnheim (1994) citado por Moutinho (2007) referindo que *“Toda a percepção é também pensamento, todo o raciocínio é também intuição, toda a observação é também invenção”*, sendo que a imagem reproduzida pelos nossos olhos não depende apenas da sua *“ projecção retiniana ”*, dependendo sim de todas as experiências visuais obtidas anteriormente, resultado das vivências, tradições e costumes dos utilizadores, seu escalão etário ou estrato social.

A memória é então parte integrante deste processo que promove a imagem que cada um constrói do espaço. Este, quando apreendido e dotado de significado, passa a tornar-se um Lugar onde imperam relações simbólicas e afectivas. Segundo Alfaiate (2000) toda a nossa existência se reflecte na percepção que temos da paisagem que nos rodeia, *“centrando-nos numa perspectiva fenomenológica, qualitativa e da relação com o lugar.”* O som das crianças a brincar num parque, o cheiro a castanha assada ao atravessar uma rua, a frescura sentida junto a um espelho de água são aspectos que facilmente ficam retidos na nossa memória, sendo no futuro associados a tantos outros momentos.

Como refere Brandão (2002) a identidade de um espaço encontra-se ligada aos elementos que o constituem - como a arquitectura, pavimentos, mobiliário, iluminação - pela sua escala, cores e texturas, pelas actividades económicas nele geradas, bem como pela maior ou menor afluência de pessoas. Também para este autor, a qualidade da arte pública se apresenta muito importante no que se refere à melhoria da identidade de um espaço.



**Fotografia 15, 16 e 17 - Espaços memoráveis são associados a momentos afectivos, trocas comerciais ou elementos focais interessantes**

Além destes aspectos também o conforto bioclimático, fauna e flora concorrem para o mesmo. A noção de lugar encontra-se subjacente à interacção entre o espaço e o indivíduo, e os locais memoráveis são aqueles cuja identidade própria promove uma interacção equilibrada entre o utilizador e o espaço.

Contrariamente a todos os princípios enunciados neste estudo, surgem, com o fenómeno da globalização<sup>10</sup>, os chamados não lugares, dos quais são exemplo as grandes gares, aeroportos, auto-estradas ou superfícies comerciais. Segundo Magalhães (2001) trata-se de espaços neutros, sem identidade, gémeos uns dos outros. Nestes espaços os seus utilizadores movimentam-se seguindo percursos indicados por um conjunto de sinais ou letreiros (Regatão, 2010) onde o repouso não se verifica e imperam o constante fluxo, movimentação e saída de indivíduos. São espaços vazios de significado, onde as acções dos utilizadores são regidas por um conjunto de regras e em tudo semelhantes.



**Fotografia 18 - Os passos são automatizados ao percorrer os não-lugares**

Como refere Regatão (2010) assistimos aqui a uma total despreocupação para com os benefícios sociais associados aos espaços públicos, intensificando-se, pelo contrário, o isolamento dos indivíduos.



A apropriação do espaço apresenta-se inerente ao conceito de territorialidade (Muga, 2006), no qual se verifica a demarcação do lugar apreendido e apropriado, e acarreta o conjunto de comportamentos associados a esse lugar. Trata-se portanto da forma como o indivíduo reclama e defende os seus direitos perante o lugar e o personaliza - são, segundo o autor, os chamados comportamentos territoriais. Exemplos disso podem ser observados nas ruas, onde jovens imprimem a sua marca com *graffitis* ou comerciantes a ocupam como extensão da sua loja.

**Fotografia 19 - Marcas de territorialidade demarcam os espaços**

<sup>10</sup> Fenómeno que se verificou no movimento supermodernista da década de 90, surgindo como oposição à redundância de símbolos pós-modernista (Magalhães, 2001)



Quanto mais a população se encontre envolvida na implantação e manutenção de um espaço, maior será o seu sentimento de responsabilização perante ele, e consequentemente maior o envolvimento gerado.

Torna-se assim claro que o sentido que retiramos do espaço se encontra dependente não apenas da sua forma mas também, e essencialmente, da cultura, valores, temperamento, experiências e disposição actual do indivíduo. Como refere Alfaiate (2001) a paisagem é lida através dos seus lugares. São estes que permitem a referenciação e orientação do indivíduo, estabelecendo a relação entre ambos.

A vivência do espaço público é reforçada por este processo de apropriação, onde a identidade e clareza de estrutura possibilitam o reconhecimento do espaço, e o significado que este transmite ao utilizador promove as relações emocionais que o seduz. Claro está que as percepções de um mesmo espaço são diversas e muitas vezes até opostas, já que as cidades são compostas por indivíduos com os mais variados backgrounds, tornando-se difícil o processo de criação de Lugares.

#### **4.2. Importância do Carácter do Local na Vida Social**

Ora se a apropriação do espaço público urbano é consequência do processo perceptivo, processo que varia de indivíduo para indivíduo, e indissociável da relação estabelecida entre o utilizador e o espaço, encontra-se neste processo subjacente uma dimensão afectiva que se relaciona com o gosto estético e a obtenção de prazer por parte do indivíduo. Segundo Muga (2006) o gosto faz parte da natureza racional de cada um e assenta em três processos indissociáveis: a experiência (através da qual é apreendido o significado do espaço), o pensamento (que permite compreender esse significado) e a preferência (forma de eleição fundada na compreensão do espaço). Assim, esta dimensão afectiva desenvolve-se através da interacção entre as necessidades e aspirações do indivíduo, o seu estado de espírito, e as características do ambiente.

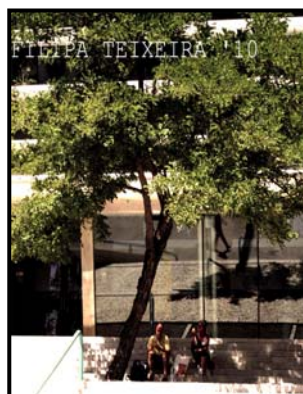
As preferências estéticas, inerentes à avaliação do espaço, materializam-se em comportamentos específicos, os quais Muga (2006) denomina de atitudes ambientais. Estas são manifestações de sentimentos positivos ou negativos relativos a determinadas características do espaço, e condicionadas pela associação dessas características a experiências passadas, agradáveis ou desagradáveis (segundo as teorias behavioristas da aprendizagem), ou pela aprovação ou punição social (segundo a teoria do condicionamento operante). Por exemplo, um simples banco pode ser associado a um encontro agradável adquirindo um valor sentimental; pelo contrário, se um conjunto de amigos desgosta de determinada escultura atribuiremos menos valor à mesma. De acordo com as teorias da

aprendizagem novas experiências podem promover quer a alteração quer a intensificação das atitudes perante determinado ambiente, de acordo com o seu carácter.

Já o conceito de competência ambiental (Morval, 2009) diz respeito à capacidade de cada indivíduo de retirar do espaço que o rodeia os elementos necessários à sua satisfação diária, para tal tomando consciência dos seus objectivos perante esse espaço e avaliando o seu potencial. Segundo este autor essa avaliação efectua-se a partir da consciência de que:

- ✓ O espaço transmite (ou não) segurança física e psicológica aos seus utilizadores, protegendo-o de agentes exteriores;
- ✓ A disposição dos elementos que compõem o espaço regula as trocas sociais, através da posição dos indivíduos em função das possibilidades de deslocamento;
- ✓ O espaço é carregado de simbolismos que chegam até ao indivíduo em forma de valores e interesses pessoais
- ✓ Em função da qualidade dos materiais, as actividades promovidas no espaço requerem maior ou menor interacção com estes
- ✓ O prazer que o espaço causa no indivíduo encontra-se dependente não apenas do facto do espaço ser ou não agradável, mas sobretudo da sua pré-disposição e experiências presentes na sua memória
- ✓ O desenvolvimento pessoal do indivíduo, no que respeita à sua capacidade de interagir de forma cada vez mais eficaz com os espaços que o rodeiam através de um auto-conhecimento das suas próprias expectativas e necessidades, é favorecido pelos estímulos e flexibilidade dos elementos que o espaço apresenta.

A segurança, as trocas sociais, a identificação simbólica, a natureza das actividades, o prazer e o auto-conhecimento apresentam-se assim como os factores mais relevantes no que respeita ao potencial do espaço para evocar sensações no indivíduo, condicionando a sua interacção ou abandono. Claro que esta avaliação vai variar de indivíduo para indivíduo e até mesmo segundo a sua disposição diária, com todas as suas condicionantes, sendo que as necessidades de hoje poderão não ser as mesmas de amanhã.



Focando agora factores específicos do ambiente urbano com influência no comportamento social...

Fotografia 20, 21 e 22 - Diferentes formas de promoção de conforto bioclimático



Fotografia 23, 24, 25 e 26 -Todos os espaços públicos são espaços de convívio

O ruído é certamente um causador de abandono de determinado espaço, afectando directamente o temperamento e aumentando a ansiedade dos indivíduos, impedindo a comunicação interpessoal. Estudos revelam que indivíduos sujeitos a uma exposição prolongada ao ruído (em habitações junto a aeroportos, por exemplo) demonstram maior descontentamento e frustrações, baixa concentração intelectual, dificuldade em distinguir sons subtis, perturbações do sono e até mesmo aumento da pressão sanguínea (Morval, 2009). Também a temperatura, relacionada com o aumento da poluição nas grandes metrópoles, provoca reacções nos indivíduos. Se por um lado os dias mais longos e quentes de Verão promovem um maior bem-estar e potenciam a vida ao ar livre, temperaturas mais elevadas dificultam a permanência e as relações sociais em determinado local. Estes aspectos dizem respeito à qualidade ou conforto bioclimático proporcionado pelo espaço, de extrema importância na sua apropriação.

Também a preservação do espaço pedonal sem conflitos entre o peão e o automóvel, manifestando um sentimento de segurança, a organização das ruas, praças e avenidas com conforto e mobiliário urbano adequado, capaz de produzir uma imagem satisfatória no indivíduo, o desenvolvimento de espaços de recreio activo que potencie as trocas sociais entre os seus utilizadores, a criação de itinerários de passeios a pé ou de bicicleta que estimulem a vivência ao ar livre, não podem ser negligenciados, contribuindo fortemente para a intensificação das trocas sociais.



Morval (2009) distingue também o conceito de espaço pessoal, associado a instintos de protecção pessoal do indivíduo, onde este tem tendência para se afastar de espaços a seu ver demasiado pequenos para a multidão que albergam, impedindo manter uma distância confortável de estranhos em relação a si. O desconforto sentido pode ser associado à falta de intimidade, falta de espaço, ou dificuldade de movimentação, provocando stress, insegurança e falta de controlo sobre o ambiente. No entanto, alguns ambientes densos não são motivo de fuga, pelo contrário, apresentam-se apelativos, tais como um jogo de futebol ou concerto, onde as actividades são ainda mais estimuladas pela existência da multidão. Segundo Morval (2009) as diferenças observadas na distância do espaço pessoal de cada um encontram-se relacionadas com factores psicossociais. Estes factores referem-se à faixa etária, extroversão, auto-estima, sexo, ou nível socioeconómico. As distâncias interpessoais são mais pequenas em crianças, pessoas extrovertidas, com maior auto-estima, e no sexo feminino, bem como em classes sociais mais humildes.

Consciente da importância da segurança do espaço colectivo da cidade nas trocas sociais entre os seus habitantes, sendo o contacto casual/acidental um dos traços da vida social urbana que mais as promove, Jacobs (2001) defende o retorno da rua tradicional como espaço multifuncional, onde todos os grupos sociais e etários têm a possibilidade de conviver, integrando assim funções habitacionais, económicas, culturais, sociais e de lazer. Com o passar dos tempos a rua tem perdido o seu carácter de estadia, passando a ser essencialmente um canal de passagem para os transeuntes. Para esta autora as ruas, idealmente com passeios de 10-12m de largura, seriam o espaço mais adequado para as



actividades humanas, onde as crianças poderiam brincar vigiadas pelos adultos através das janelas das habitações, os adultos seriam servidos do mobiliário urbano necessário ao seu repouso e recreio, com o conforto fornecido pela arborização, e os transeuntes passeariam livremente. Embora o conceito seja convincente, a implementação desta largura de passeios apresenta-se utópica.

**Fotografia 27 - São infinitos os encontros  
casuais nas ruas da cidade**

Também em Berlim se denotou a preocupação com a vida urbana. Após a II Guerra, a reconstrução da cidade apresentou-se despreocupada com as questões sociais e humanas, resultando num tecido descaracterizado e fragmentado, devido à rápida expansão da cidade. Em 1987, a IBA (Exposição Internacional da Edificação) foi encarregue de recuperar as áreas degradadas e em expansão, dentro da cidade, promovendo espaços dedicados aos habitantes, sendo o seu tema “O Centro da Cidade como um Lugar para se

Viver”. Dos projectos que se verificaram com esta iniciativa, podem ser enunciados os dos logradouros, que foram tornados públicos ou semi-públicos, constituindo espaços afastados da circulação automóvel, exclusivamente para usufruto de peões e bicicletas, onde a participação pública promoveu uma maior interligação entre os espaços e os seus utilizadores (Magalhães, 2001).

Outro elemento potenciador ou, pelo contrário, inibidor da vivência do espaço público é a criação de obras artísticas ao ar livre. A fusão entre o design e o desenho urbano resulta na concepção de produtos industrializados considerando a sua inserção em determinado contexto e ambiente, através da combinação de princípios metodológicos. A tal se aplica o conceito de arte pública (Regatão, 2010), onde o designer necessita de se focar não apenas na formalização do objecto mas também na visão do espaço do qual fará parte integrante e no público que dele beneficiará. Segundo Regatão (2010) este conceito surgiu nos anos 60 tendo já sido alvo de diversas interpretações e abrangendo diversas intervenções artísticas, desde cartazes a murais, peças escultóricas e *performances*. Esta forma de arte em espaço acessível a todos apresenta-se, como foi já referido neste estudo, como uma forma de potenciar a identidade do espaço tornando-o reconhecível dentro do tecido urbano e

actuando, quando bem sucedida, como um atractivo para a população. A sua aplicação tem sido cada vez mais apreciada dentro das grandes metrópoles, sendo visíveis os seus contributos na melhoria da imagem da cidade e da interacção entre os utilizadores e o espaço, estimulando ainda o turismo e a economia.

Não menosprezando as restantes formas de arte pública, consciente de que todas elas promovem uma nova relação do utilizador com o espaço, considera-se aqui que o carácter utilitário é o que promove uma maior interacção espaço/indivíduo, prestando não unicamente um serviço estético e focal, mas também uma função necessária à comunidade. Dentro desse campo artístico encontramos espaços lúdicos e didácticos, de lazer ou reflexão, com elementos semelhantes ao mobiliário urbano usualmente encontrado nos espaços públicos, como bancos, mesas ou parques infantis. Por exemplo (talvez o melhor que poderia referir) na obra de Richard Serra na Federal Plaza, intitulada



Fig. 7 - Evolução da Federal Plaza

Fonte: <http://www.nyc-architecture.com/SCC/SCC032.htm>

Tilted Arc, a placa de aço de proporções imensas colocada transversalmente em relação aos edifícios e ao próprio desenho da praça apresentava-se como um obstáculo à movimentação dos indivíduos, sendo a sua aceitação por parte dos habitantes alvo de controversa acabando mesmo por ser mais tarde removido. Já o projecto de remodelação de Martha Schwartz para a mesma praça, anos mais tarde, identifica-se um espaço de lazer com uma disposição de bancos em espiral em torno de pequenos montes relvados com flores, com um carácter artístico e francamente útil aos seus utilizadores (Regatão, 2010).

O sentido estético é inerente ao Homem mas como afirma Cullen (2006) a atenção deve ser desviada para o risco da concepção de espaços puramente direccionados para a estetização, sem resultados efectivos no seu uso, já que *“uma superfície vazia oferece uma oportunidade, uma tentação, aos que têm a construção no sangue”*. Deve ser então feita uma reavaliação do que se pretende fazer, de acordo com aquilo que o espaço (e a população) realmente necessita, dotando-o de funcionalidades e também de simbolismo.

É de notar que todos os aspectos relativos ao carácter específico do local serão de extrema importância, não apenas no que respeita às dinâmicas desenvolvidas no espaço público mas também ao desenvolvimento da própria identidade social do utilizador. Esta prende-se com a influência da envolvente física, ou seja, do carácter dos espaços que rodeiam o indivíduo, no desenvolvimento da sua personalidade e inserção nos diferentes grupos sociais e na sociedade em geral. Nestes espaços de afluência e convergência, o laço social é fortalecido, no encontro entre as mais variadas culturas e costumes.

## 5. MATRIZ DE AVALIAÇÃO DE DESENHO DO ESPAÇO PÚBLICO URBANO

Como foi já referido no decurso deste estudo o espaço público urbano desperta no utilizador reacções e emoções sugeridas pela sua forma, escala, cor, cheiro, textura, luminosidade, diversidade de funções e disposição de elementos. A sua acessibilidade permite a afluência dos indivíduos e o conforto que transmite auxilia a sua permanência.

Como foi também mencionado, a percepção do espaço varia de indivíduo para indivíduo, sendo inexequível atender às preferências de toda a população. Assim sendo, todo o processo de programação e concepção deve ser guiado pelo princípio da máxima abrangência, sendo de evitar soluções formais e funcionais que restrinjam o usufruto de determinado grupo social.

Foi neste sentido elaborada uma matriz, cujo conteúdo se insere no âmbito do PEEPL (mencionado no capítulo anterior), contendo uma selecção de vectores que devem ser considerados aquando do processo de desenho do espaço público, bem como as tipologias de espaço público enunciadas no PEEPL.

São inúmeros os vectores a ter em conta aquando do desenho do espaço público que, quando conjugados num todo personificam a leitura que se faz do espaço, potenciando a vivência do mesmo. A divisão do espaço público em grupos (tipologias) com características semelhantes e o seu cruzamento com cada vector através da atribuição de uma escala de valores relaciona a importância relativa de cada vector em cada tipologia.

Deve ainda ser realçado que em todo o processo de preenchimento da matriz foi considerada a perspectiva do peão, como utilizador primordial do espaço público, e nunca a do veículo motor. Os vectores de desenho analisados foram seleccionados através da pesquisa bibliográfica efectuada, ponderando os factores realçados por cada autor no processo de dar forma à cidade, sendo estes entendidos como as condições mais relevantes na apropriação do espaço por parte da população.

### 5.1. Caracterização das Tipologias de Espaço Público

#### Espaços Canais

Rede de vias de circulação de trânsito rodoviário e/ou pedonal. Podem conter separadores centrais e estacionamento automóvel lateral, e ainda árvores de alinhamento, zonas verdes de enquadramento, sinalética, iluminação pública (Castro, 2007).

**Rede de Estradas Urbanas – Rede Fundamental de 1º Nível:**

Rede urbana contendo auto-estradas e vias rápidas urbanas (Castro, 2007).

Exs.: Eixo Norte/Sul, IC19, Av. Marechal Gomes da Costa

**Rede de Arruamentos Principais – Rede Fundamental de 2º Nível:**

Rede distribuidora principal, contendo avenidas e arruamentos estruturantes do sistema urbano (Castro, 2007).

Exs.: Av. da República

**Rede Secundária de Arruamentos – Rede de 3º Nível:**

Rede distribuidora secundária, contendo as vias distribuidoras e colectoras (Castro, 2007).

Exs.: Av. 5 Outubro, Calçada da Ajuda, Av. Infante Santo

**Rede Local – Rede de 4º Nível:**

Vias de acesso local, acesso à habitação, ruas, travessas, becos. Rede de proximidade (Castro, 2007).

Exs.: Rua dos Sapateiros (Baixa), Rua da Barroca (Bairro Alto), e todas as vias que não se enquadram nas restantes categorias

**Espaços Singulares**

Espaços pontuais *non aedificandi* relevantes da cidade, onde se concentram os principais serviços, equipamentos colectivos e zonas comerciais. São espaços de concentração de pessoas (Castro, 2007).

**Praças estruturantes:**

Espaços de estar e recreio de uso colectivo, ao qual o veículo automóvel não tem acesso.

Localizam-se sempre em pontos notáveis das malhas urbanas, sejam pontos de modificação das linhas naturais do território, nós de articulação dos traçados, ou associadas a edifícios singulares (Castro, 2007).

Exs.: Praça D. Pedro IV, Terreiro do Paço, Praça da Figueira

**Interfaces e Terminais:**

As interfaces comportam a função de articulação entre os transportes públicos e/ou privados e o sistema de passageiros e/ou mercadorias (Castro, 2007).



Exs.: Gare do Oriente (estação ferroviária e rodoviária), Estação fluvial do Terreiro do Paço, paragens de autocarros e estações de metro distribuídas pela cidade

Os terminais são as instalações de partida e chegada de determinado transporte.

Exs.: Estação da Carris de Santo Amaro, Terminal de cruzeiros de Santa Apolónia, Terminal rodoviário de Sete Rios

### **Cemitérios:**

Espaços onde são sepultados os cadáveres. Na sua maioria os cemitérios são lugares de convergência de pessoas para a prática religiosa (Castro, 2007).

Exs.: Cemitério do Alto de S. João, Cemitério de Benfica

### **Miradouros:**

Espaços que possuem vistas panorâmicas privilegiadas, devido à sua localização destacada na fisiografia da Cidade (Castro, 2007).

Exs.: Miradouro de Santa Luzia, Miradouro da Graça, Adamastor

### **Azinhagas:**

Caminhos antigos contidos entre muros; marcas da propriedade (Castro, 2007).

Exs. já parcialmente extintos: Azinhaga da Fonte (Benfica), Azinhaga da Cova da Onça (Carnide), Azinhaga dos Alfinetes (Marvila)

### Espaços Verdes

Espaços *non aedificandi* delimitados no tecido urbano, maioritariamente compostos por matéria vegetal, de recreio e lazer da população. Áreas que integram a estrutura ecológica urbana onde, por princípio, se privilegia a salvaguarda de recursos naturais (Castro, 2007).

### **Matas:**

Espaços de grande dimensão revestidos de vegetação, compondo grande parte da estrutura verde principal, onde o extracto arbóreo predomina sobre o arbustivo e herbáceo. Apresenta funções de protecção e eventualmente de produção (Castro, 2007).

Exs.: Parque Florestal de Monsanto, Mata de Alvalade

### **Parque Urbano:**

Espaços verdes de permanência da população com área considerável. Espaços de recreio activo. Integram a estrutura verde principal (Castro, 2007).

Exs.: Parque das Conchas e Qta. dos Lilazes, Quinta da Granja

### **Jardins Patrimoniais:**

Espaços verdes de valor histórico, cultural e paisagístico, sendo salvaguardadas as suas características iniciais ou resultantes da sua evolução histórica. Integram a estrutura verde secundária (Castro, 2007).

Exs.: Campo Grande, Estrela, Jardim da Parada, Príncipe Real, Jardins Botânicos, Parque Eduardo VII

### **Espaços de proximidade:**

Espaços verdes de recreio activo do bairro, cuja influência abrange um bairro ou uma unidade de vizinhança (1 km). Integram a estrutura verde secundária (Castro, 2007).

Exs.: Jardim do Arco do Cego, Alameda Afonso Henriques

### **Verde de Enquadramento:**

Espaços com função de mitigação dos efeitos do tráfego elevado, de maior ruído, de protecção a declives superiores a 25% ou áreas especialmente sensíveis do ponto de vista biofísico, ou de enquadramento paisagístico e ambiental de áreas edificadas ou infra-estruturas (Castro, 2007).

Exs.: faixa de protecção à 2ª. Circular, ao aeroporto, ao eixo N/S

### **Verde Integrado no Edificado:**

Espaços verdes de dimensão reduzida, tais como canteiros e logradouros. Superfícies com revestimento vegetal sobre a laje de cobertura de edifícios (Castro, 2007).

## **5.2. Caracterização dos Vectores de Desenho do Espaço Público**

### **Forma:**

Definição segundo Machado (1999):

*“S. f. Configuração dos corpos; feitio, feição. Aparência. Desinência das palavras. s. f. pl. Contornos do corpo.”*

Relevância em A.P.:

A estrutura da cidade, com toda a sua complexidade e problemáticas, apresenta espaços com vários tipos de funções, das quais as mais elementares podem ser facilmente apreendidas através das suas formas. É o caso, por exemplo, da circulação (Lynch, 1999b).

É certo que formas mais simples são mais facilmente apreendidas do que as mais complexas, e a forma da cidade deve ser passível de ser apreendida pela população em geral, deve ser flexível, susceptível a alterações de função e significado, sendo receptiva à formação da imagem de cada observador através de uma riqueza de estruturas e indicações possíveis. No entanto, segundo Lynch (1999b), algumas formas devem ser mantidas, tais como cruzamentos importantes, vias-chave, homogeneidades regionais, formas importantes que estruturam e contribuem para o funcionamento da cidade.

### **Diversidade:**

Definição segundo Machado (1999):

*“S. f. Conjunto de coisas diversas, variedade. Dissemelhança. Divergência.”*

Relevância em A.P.:

A diversidade representa um importante papel na apropriação do espaço, uma vez que dela resulta a sua adaptação às suas possíveis utilizações de diversas naturezas. Assim sendo, o espaço público deve ser multifuncional, já que espaços e equipamentos muito específicos a determinada utilização tentem a reduzir o leque de utilizadores.

É ainda importante referir que um espaço multifuncional deve apresentar complementaridade entre as actividades e a sua disposição espacial deve ser coerente, de modo a proporcionar espaços harmoniosos e livres de conflitos (Alves, 2003).

### **Composição:**

Definição segundo Machado (1999):

*“S. f. Acto de compor. Combinação das partes componentes de um todo; preparação; disposição. Produção literária, científica ou artística. Trabalho do compositor tipográfico. O modo por que se agrupam as moléculas de um corpo. Acordo entre litigantes.”*

Relevância em A.P.:

A inter-relação entre os elementos constituintes de um espaço, o modo como estes se distribuem e organizam, é o que permite a formulação da estrutura do espaço sem a qual o movimento racional é impossível. As possibilidades são imensas, originando situações urbanas diversas, com diferentes estilos, materiais de construção, funções e climas ambientais.

### **Ordem:**

Definição segundo Machado (1999):

*“S. f. Disposição regular e metódica. Boa administração. Modo de proceder. Categoria. Regularidade. Mandado de superior. Modo de ser. Disciplina. Paz; silêncio. Comunidade religiosa. Classes honoríficas instituídas pelos soberanos para distinção de*

*serviços relevantes. Sacramento conferido pelos bispos aos indivíduos que seguem a carreira eclesiástica. Classe de animais. Famílias de plantas. Sistema de arquitectura.”*

Relevância em A.P.

Apesar da estrutura de uma cidade se apresentar complexa, sem ordem aparente, esta deverá ser contínua como um todo, havendo uma inter-relação entre as partes que possibilite a movimentação dos seus utilizadores. Assim, organização do todo influencia a capacidade de percepção deste por parte dos seus utilizadores, bem como a sua deslocação, encontrando-se estas três intimamente ligadas.

Segundo Lynch (1999b) os elementos mais expressivos através dos quais a cidade pode ser organizada são as ruas, já que são o elemento que impele o movimento dos utilizadores. O ponto estratégico de uma rede de ruas é a sua intersecção, ponto de decisão para o movimento.

### **Domínio:**

Definição segundo Machado (1999):

*“S. m. Propriedade, campo de exploração muito extensa. Direito de propriedade em bens imóveis. Território sujeito a dominação; senhorio. Autoridade, poder. Atribuição, competência.”*

Relevância em A.P.:

Quer o tamanho, a exuberância ou o interesse de determinado elemento que componha o espaço, promove a sua distinção dentro da composição do conjunto. Esse domínio de determinada característica do todo é uma qualidade que facilita a criação da imagem e o seu reconhecimento.

### **Hierarquia:**

Definição segundo Machado (1999):

*“S. f. Ordenada distribuição de poderes, com subordinação sucessiva de uns a outros. Classe, graduação.”*

Relevância em A.P.:

A hierarquia pressupõe por si só uma ligação entre os elementos que compõem o todo, criando uma sequência onde a intensidade vai aumentando ou diminuindo de elemento para elemento.

Um exemplo dado por Lynch (1999b) é o de um bairro principal que alberga três “sub-bairros” que, por sua vez, contêm três “sub-sub-bairros” e assim por diante. Outro exemplo será o da rede de vias enunciada no capítulo anterior: a rede de estradas urbanas, que se liga à rede de arruamentos principais, seguida da rede secundária de arruamentos, e por último a rede local de menor expressão.

### **Simetria:**

Definição segundo Machado (1999):

*“S. f. Disposição de várias coisas semelhantes, em relação a um plano, a um recto ou a um ponto.”*

Relevância em A.P.:

A simetria pode ser observada quer na forma dos espaços, o seu delineamento, como no desenho ou na disposição dos elementos que o compõem, tais como percursos, mobiliário urbano, material vegetal, etc.

Muitíssimo utilizada na arquitectura tradicional, hoje em dia a simetria perdeu o seu papel principal, sendo pouco utilizada no desenho de um espaço.

### **Surpresa:**

Definição segundo Machado (1999):

*“S. f. Assombro por coisa inesperada. Sucesso imprevisto. De surpresa, de improviso.”*

Relevância em A.P.:

Em espaços onde o factor surpresa foi introduzido denota-se um maior envolvimento por parte do utilizador, que deseja descobrir o que se encontra para além do labirinto/mistério (Cullen, 2006). Contudo, este facto verifica-se sob duas condições: primeiro, a orientação deve ser clara, nunca havendo o risco de não se encontrar uma saída; para além disso, a forma do espaço deve poder ser analisada e mais tarde apreendida, de modo ao utilizador se poder sentir confortável.

### **Movimento:**

Definição segundo Machado (1999):

*“S. m. Mudança de um para outro lugar; evolução de ideias. Animação. Maneiras, gestos.”*

Relevância em A.P.:

A facilidade com que o utilizador acede, se move e abandona determinado local condiciona o seu comportamento e o seu desejo de repetir a experiência. A confusão em demasia, provocada por caminhos não delimitados ou labirintos excessivamente intrincados, provocam insegurança no utilizador.

Segundo Lynch (1999b) as qualidades que fornecem ao utilizador a possibilidade de interpretar a direcção ou distância que este deseja seguir, tais como indicativos que melhoram a clareza de desníveis, curvas, etc. são fundamentais para este se localizar e apreender o espaço pelo qual se desloca.

Será ainda desejável incentivar processos de desenho do espaço público no sentido de oferecer a cidade a todos, ou seja, devem ser ultrapassadas as barreiras físicas que condicionam o acesso e movimentação de determinados segmentos da comunidade, jovem ou idoso, ou com mobilidade reduzida, e favorecer a conexão com as redes de circulação.

### **Conforto:**

Definição segundo Machado (1999):

*“S. m. Tudo o que constitui o bem-estar material.”*

Relevância em A.P.:

A qualidade ambiental do espaço – vector onde se inserem as áreas de sombra, uso de vegetação, elementos de água, protecção contra ventos e chuvas, atenuação do ruído, etc. – são qualidades que promovem o conforto psicológico e biofísico, já que se apresentam como potenciadores da vida ao ar livre, tornando o espaço mais ou menos adequado para as diferentes actividades de recreio ou lazer. Outro tipo de variantes, como o tipo de mobiliário, nomeadamente de estadia (bancos, muretes, etc.); de pavimento ou mesmo aspectos como a luminosidade e segurança, têm também a capacidade de conferir ou retirar conforto a um espaço.

Segundo Cullen (2006) o conforto é muitas vezes associado a situações onde é transmitida um sentido de privacidade e aconchego, que pode ser atingido por meios da construção de abrigos, aproveitamento de zonas situadas a um nível inferior, utilização da vegetação para criar zonas menos amplas, etc.

### **Luminosidade/Albedo:**

Definição segundo Machado (1999):

*“**Luminoso**, adj. Que tem ou dá luz. Evidente. Sagaz. Ilustre. Formoso.”*

*“**Albedo**, s. m. reflectividade de um corpo ou superfície.”*

Relevância em A.P.:

Como refere Muga (2006) *“perceptivamente, uma superfície divide-se em duas camadas: uma inferior, que é a claridade e a cor da superfície, e uma superior, que é a iluminação”*. Os efeitos psicofisiológicos que a iluminação de determinado espaço provoca no utilizador são evidentes, uma vez que todos nós já sentimos uma maior energia em dias mais luminosos de Verão, e sentimentos mais depressivos no Inverno onde a luz é menor e os dias mais curtos.

Relativamente à iluminação pública, segundo Cullen (2006), devem ser consideradas quer as normas técnicas de instalação quer as exigências paisagísticas. Quanto à primeira este autor afirma que deve ser obtida uma unidade de escala, onde a envergadura da rede acompanha a escala do espaço que ilumina (de modo a não chamar a atenção por si

mesma nem falhar o seu objectivo de iluminação de toda a área), e uma distribuição da rede que não interfira com o carácter do espaço (por exemplo, uma distribuição linear será adequada na iluminação de uma via, mas não de um espaço circular). A instalação eléctrica deve ser encarada como um elemento intimamente ligado ao tecido urbano, quer de noite como de dia, de modo a haver uma adequação entre as escolhas de intensidade, distribuição e modelos dos aparelhos e o carácter do espaço iluminado (Cullen, 2006).

Quanto ao albedo, é sabido que espaços amplos constituídos por materiais de cor clara, tais como a calçada tão utilizada na cidade de Lisboa, promovem uma maior reflectividade da luz solar, do que espaços onde o material contém textura ou uma cor mais escura, ou onde existe mobiliário ou material vegetal que promova a sombra.

### **Material:**

Definição segundo Machado (1999):

*“Adj. Da matéria; corpóreo. Brutal. Que requer pouca inteligência. S. m. Propriedade inerente à matéria. Pl. Tudo quanto é necessário para a construção de um edifício, composição de uma obra literária, etc.”*

Relevância em A.P.:

São mais do que diversos os materiais disponíveis para serem utilizados num projecto de espaços exteriores, entre os quais se contam pedras, cimento, alcatrão, metal, madeira, material vegetal, água, etc. A escolha destes materiais deverá ter em conta a função que irão desempenhar, bem como o tipo de população a que estão destinados servir e a intensidade de utilização a que serão sujeitos, atendendo a questões de durabilidade do material (Brandão, 2002). É certo ainda que o uso de cada material implica determinado investimento, maior ou menor consoante a sua natureza.

Onde se localizam talvez as maiores oportunidades de utilização de variados materiais é no próprio pavimento do espaço, onde o uso de cores, texturas e possíveis combinações de matérias prende o olhar do utilizador. Segundo Cullen (2006) o pavimento é o elemento que mais contribui para a unificação de uma cidade.

Dentro dos elementos naturais que podem ser utilizados na cidade, a árvore desempenha sem dúvida um importante papel no que respeita às suas funções de conforto bioclimático ou delimitação de vias. Também dentro deste campo existe inúmeras possibilidades de escolha, variantes na cor, textura, cheiro, tamanho, ou forma.

### **Textura:**

Definição segundo Machado (1999):

*“S. f. Tecido de qualquer espécie. União íntima das partes que compõem um todo.”*

Relevância em A.P.:

O emprego de acabamentos como a textura e a cor (enunciada em seguida) são formas de tratamento de superfícies que realçam a sua aparência, captando o olhar, despertando a atenção do observador.

Cullen (2006) afirma que um acabamento de cor branca será uma forma de intensificar o efeito visual da textura de uma superfície, reforçando os contrastes de luz/sombra.

### **Cor:**

Definição segundo Machado (1999):

*“S. f. Impressão que produz na vista a luz reflectida pelos corpos. Matéria corante. A cor vermelha da face. O colorido de um quadro. Tintura para imitar o rosado da pele; arrebique. Distintivo de uma família, partido ou estado. Opinião, carácter. Aparência, pretexto.”*

Relevância em A.P.:

A cor é o acabamento mais utilizado no tratamento de superfícies, conferindo maior ostentação e destaque ao seu aspecto. Segundo Muga (2006) contrastes fortes de cores são considerados um chamariz para a atenção dos utilizadores, mas devem ser adoptados com cuidado, pois correm o risco de se tornar desenquadrados dos restantes espaços, contribuindo para a incoerência da cidade.

Devem também ser consideradas as reacções fisiológicas que a cor provoca no observador. Cores mais fortes aceleram a circulação sanguínea, aumentando a excitação e a força muscular, ao contrário de cores mais suaves que o tranquilizam (Muga, 2006).

### **Cheiro:**

Definição segundo Machado (1999):

*“S. m. Emissão odorífera; aroma, perfume. Olfacto. Indício, aparência; rastro. Pl. Essências aromáticas.”*

Relevância em A.P.:

Muga (2006) afirma que o olfacto é o mais evocativo de todos os sentidos, devido à ligação entre os bolbos olfactivos na base do cérebro, o sistema límbico (responsável pelos humores, impulsos sexuais e emoções fortes) e o hipocampo (ligado à memória). Este facto faz com que o olfacto tenha a capacidade de evocar recordações muito mais profundas do que a visão e a audição.

Cada espaço é dotado de diversos cheiros que emanam dos materiais nele presentes. Materiais com aromas mais intensos, como o material vegetal, a madeira



molhada, ou os gases provenientes do tráfego automóvel, estimulam o olfacto do utilizador provocando reacções de agrado ou desprazer.

### **Função:**

Definição segundo Machado (1999):

*“S. f. Desempenho de um officio. Acção própria de cada órgão, como a circulação, a respiração, etc. Exercício das atribuições inerentes a emprego. Festividade.”*

Relevância em A.P.:

Ponto essencial na elaboração de determinado projecto é o reconhecimento das necessidades dos seus futuros utilizadores, factor que influenciará extremamente a intensidade de utilização do espaço.

São várias as funcionalidades que cada espaço pode abranger, proporcionando locais de estadia - onde deve ser dada particular atenção à implementação áreas abrigadas do vento e do sol, criando condições para uma permanência confortável; nestes espaços são também bastante apreciadas as zonas relvadas e a adopção de elementos de água tais como repuxos, espelhos de água, fontes, caleiras abertas, entre outros, que contêm um poder tranquilizante sobre o utilizador - locais de recreio - onde devem ser criadas áreas onde adultos e crianças possam interagir, brincando juntos, com todas as medidas de segurança necessárias - locais de circulação - onde os percursos possíveis devem ser claros e legíveis e as barreiras físicas ultrapassadas.

Na consideração deste vector deve também ser analisada a aptidão do espaço, no que respeita à morfologia do terreno, tipo de solo, clima, etc.

## **5.3. Matriz de Avaliação de Desenho do Espaço Público Urbano**

Em seguida apresenta-se a Matriz de Avaliação de Desenho do Espaço Público Urbano, elaborada, como já referido no início deste capítulo, através do cruzamento entre os Vectores de Desenho do Espaço Público e as Tipologias de Espaço Público analisados em epígrafe.

É também apresentada uma pequena discussão acerca dos valores obtidos na Matriz, referenciando a maior ou menor importância do processo criativo ou das questões objectivas (funcionais) em cada tipologia.

Espaço Público			Forma	Diversidade	Composição	Ordem	Domínio	Hierarquia	Simetria	Surpresa	Movimento	Conforto	Luminosidade/Albedo	Materiais	Textura	Cor	Cheiro	Função	Total
Tipologias	Espaços Canais	Rede de estradas urbanas	3	-3	-3	1	3	2	3	-3	-3	-3	3	0	-3	-3	-3	3	-6
		Rede principal de arruamentos	3	-2	-2	1	2	1	2	-3	0	-2	3	0	-3	-3	-2	3	-2
		Rede secundária de arruamentos	2	-1	-1	2	1	0	0	-3	1	-1	3	1	-1	-3	-2	2	0
		Rede local	2	0	0	3	0	-2	-1	-2	3	0	3	2	0	-2	0	1	7
	Espaços Singulares	Praças estruturantes	1	2	2	2	2	1	2	1	3	0	2	2	1	2	1	3	27
		Interfaces e terminais	0	2	2	2	2	1	-2	-1	3	0	2	1	0	2	0	3	17
		Cemitérios	0	1	1	2	3	0	2	-2	1	1	2	0	-2	-3	0	2	8
		Miradouros	1	1	1	0	0	1	-3	-1	1	2	1	1	1	1	1	2	10
		Azinhagas	-2	-2	-2	0	1	-1	3	-2	1	0	1	-2	-3	-3	1	0	-10
	Espaços Verdes	Matas	-1	3	3	-1	-3	-3	3	-2	-2	0	-2	-3	-3	-3	1	3	-10
		Parques urbanos	1	3	3	3	-2	1	0	3	2	3	2	3	3	3	3	2	33
		Jardins patrimoniais	3	0	2	2	0	1	1	1	2	3	2	3	2	3	3	1	29
		Espaços de proximidade	3	2	1	2	-1	0	0	1	3	3	2	3	2	3	3	2	29
		Verde de enquadramento	1	0	0	0	3	-3	2	0	-3	-1	-3	1	-2	1	1	3	0
		Verde integrado no edificado	1	1	1	0	2	-2	1	1	-2	2	1	2	1	3	3	2	17

Quadro 1 - Matriz de Avaliação de Desenho do Espaço Público

#### NOTAS:

**Pontuação** - escala de importância dos vectores em determinada tipologia

**Total** - determina a importância das características criativas/objectivas em determinada tipologia:

Total negativo - requer mais objectividade; Total positivo - requer mais criatividade; Total nulo - equilíbrio entre objectividade e criatividade

Antes de mais deve ser feito o reparo de que sendo as pontuações atribuídas consoante a maior ou menor importância do vector em determinada tipologia, a consciência de que o total se refere ora à imposição de mais objectividade ora à imposição de mais criatividade no processo de desenho em determinada tipologia de espaço público, consoante este apresenta valor negativo ou positivo, respectivamente, deve-se à existência de um maior número de vectores mais direccionados para a componente criativa do projecto. Ora este resultado não coaduna com as pontuações atribuídas ao vector “Função”, já que no próprio conceito de função está intrínseca a noção de objectividade. No entanto, deve-se salientar que o total da soma das pontuações se apresenta pouco influenciado por este vector.

Analisando os resultados obtidos verifica-se que o conjunto dos Espaços Canais impõem uma abordagem muito objectiva e funcionalista, facto que se comprova já que a implantação destes espaços se encontra severamente direccionada para a sua função primordial - a circulação do veículo motor, onde o peão dispõe unicamente de passeios e passadeiras para se movimentar, evidentemente mais necessárias na rede local.

Relativamente aos Espaços Singulares são as Praças Estruturantes as que apresentam maior valor criativo projectual - como espaços de uso colectivo que são, onde o veículo motor não tem acesso - não lhes tendo sido atribuído nenhum valor negativo, seguidas dos Interfaces e Terminais, Miradouros e Cemitérios. Nas Azinhagas a criatividade é praticamente anulada, resultado devido ao facto de serem espaços sem grande *margem de manobra*, com pouco acesso pela população e fraca visibilidade na cidade actual.

Os Espaços Verdes surgem como o grupo com maior influência no bem-estar da população em geral e onde o projectista dispõe de mais possibilidades de explorar a sua veia artística. Com maior componente criativa apresentam-se os Parques Urbanos, como espaços com dimensão considerável de permanência e recreio da população. Tanto os Jardins Patrimoniais como os Espaços de Proximidade são locais atractivos e de recreio da população, com o segundo valor mais elevado de criatividade imposto, seguidos do Verde Integrado no Edificado e do Verde de Enquadramento. As Matas apresentam valor negativo, sendo a sua função principal a de protecção do solo.

Conclui-se assim que o conjunto dos Espaços Verdes é aquele que exhibe um maior potencial na incorporação da componente artística do projecto de espaço público urbano, contrariamente aos Espaços Canais, de funcionalidades específicas e uso restrito por parte do peão. As Matas e Azinhagas apresentam objectivos de concepção mais restritos, e os Parques Urbanos um maior leque de opções a ser explorado.

## CASO DE ESTUDO

### Requalificação Urbana da Rua Alferes Barrilaro Ruas

Com a entrada de Álvaro Dentinho e de Sousa da Câmara na Câmara Municipal de Lisboa, na década de 60, e cerca de 10 anos mais tarde com a criação do Gabinete Técnico de Habitação, denotou-se um período de grandes intervenções nos bairros de Chelas e Olivais (Tostões, 2003). Segundo este autor, nesta altura a Arquitectura Paisagista, submetida à elaboração de planos de plantação apenas, havia reclamado o direito e necessidade de intervir no projecto de espaço público<sup>11</sup> até então deixado a cargo dos arquitectos que trabalhavam na Divisão dos Serviços Técnicos Especiais. Os espaços ajardinados diziam respeito ao Serviço de Arborização e Ajardinamento do GTH (7ª Repartição - Construção de Jardins), e apenas a partir do ano de 1965 os pavimentos, caminhos e drenagem passaram a fazer parte das competências desta Divisão.

Os princípios base do projecto para os Olivais Norte seguiram a linha funcionalista que rege a Carta de Atenas, orientada pelos ideais de Le Corbusier. A sua concepção sem cedência ao urbanismo tradicional, onde a segurança dos peões é evidenciada por uma rede de circulação que separa os espaços pedonais do tráfego automóvel, desvinculada das edificações, onde estas se distribuem de forma livre (apenas subordinados à orientação solar) num espaço fluído onde a matriz verde constitui cerca de 62% do espaço, suprimiu a rua linear tradicional com a qual os edifícios se alinhavam. Os espaços de recreio diurno e de comércio localizam-se próximo das habitações, ao passo que as áreas de recreio mais amplas se encontram afastadas da habitação, junto às rotundas de grande tráfego (Tostões, 2003), e a escola aparece como um edifício intencionalmente isolado.

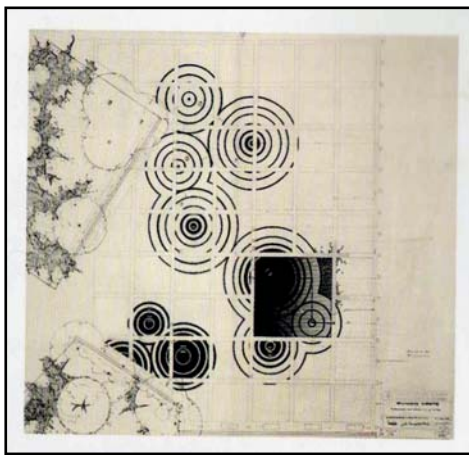
É neste modelo que se inserem os espaços da Rua Alferes Barrilaro Ruas, cujo levantamento topográfico foi fornecido pelo Departamento de Estudos e Projectos da Câmara Municipal de Lisboa. Desta área são alvo de intervenção a área envolvente ao campo de jogos, cercado por uma rede de grande dimensão que a protege dos possíveis voos de bolas dos jogadores mais entusiastas, um parque de estacionamento em forma de “S” que alberga uma pequena parte dos veículos dos residentes da zona, e um espaço de estadia (onde a falta de conforto e mobiliário se opõem a este conceito). Sendo o estacionamento uma problemática desta zona, os espaços adjacentes são também requalificados, com o intuito de resolver a invasão dos veículos nos passeios e espaços arrelvados.

---

<sup>11</sup> Defendendo Ribeiro Telles que “Não é de admitir que planos de plantação sejam elaborados por entidade estranha à concepção do partido adoptado, visto o elemento vegetal, pelas suas características de volume, forma e cor, ser elemento fundamental do projecto (...)” (Tostões, 2003)

## 6.1. Programa Preliminar

Nesta fase foi efectuada uma análise das características e condicionantes da paisagem em estudo, através da elaboração de diagramas de análise que consideram a fisiografia do terreno (verificando quais os taludes existentes que se apresentam como situações de difícil manutenção), as áreas permeáveis e árvores existentes (as quais devem ser mantidas em detrimento de áreas impermeáveis), áreas com maior incidência de sol, vento e ruído (onde a promoção de conforto se apresenta prioritária, possibilitando a criação de espaços aprazíveis aos seus utilizadores), locais com vistas privilegiadas (as quais não devem, em situação alguma, ser bloqueadas), bem como possíveis zonas de fluxos e concentração de indivíduos (onde a coerência entre estas e os elementos construídos, mobiliário urbano e espaços verdes é vital).

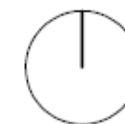
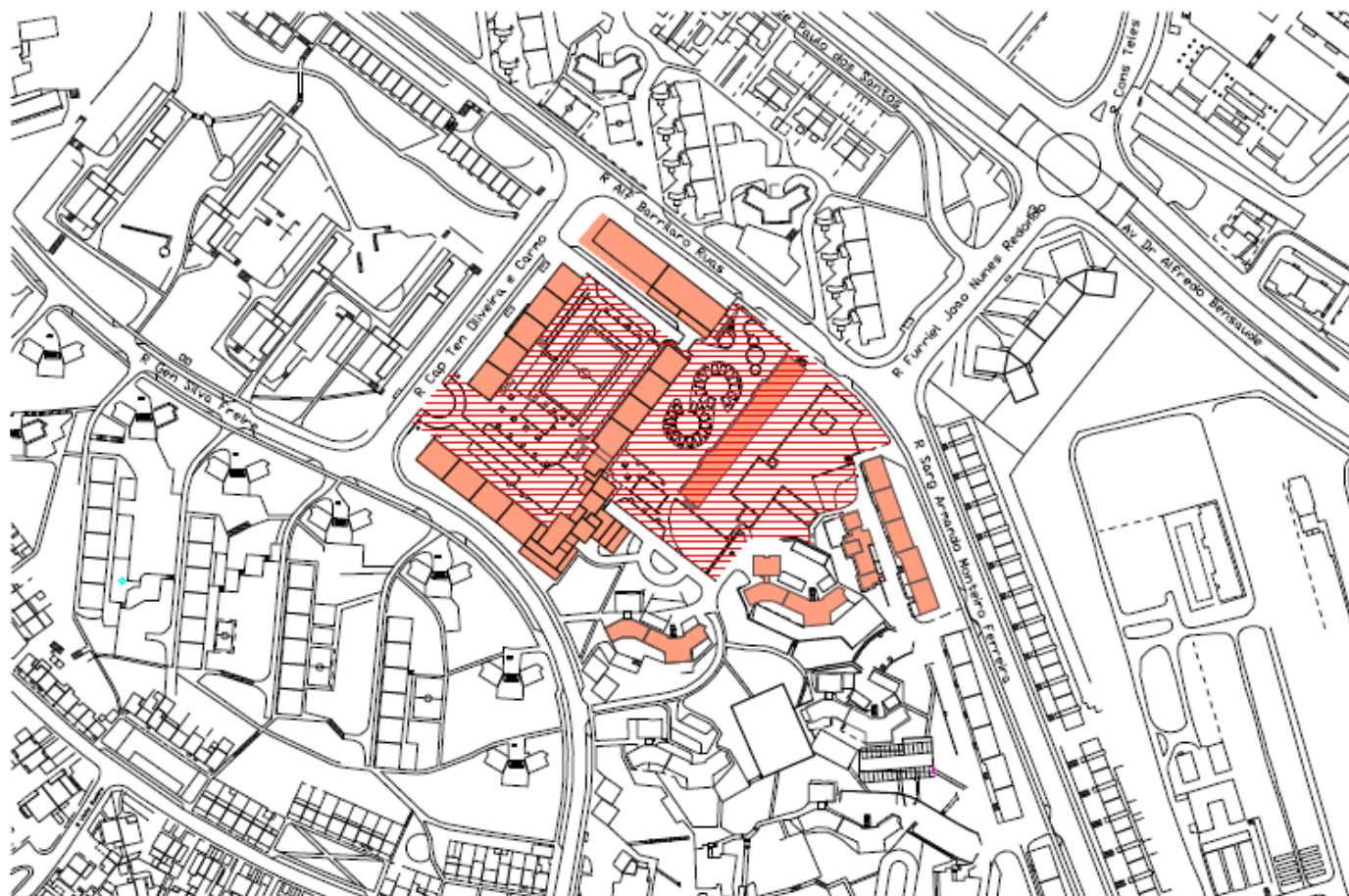


As características históricas do local são também alvo de consideração, tais como o pavimento em calçada artística do Espaço de Estadia para Adultos da autoria do Arquitecto Paisagista Álvaro Dentinho e o Estacionamento em “S” do Arquitecto Paisagista Sousa da Câmara. Para estes elementos que merecem toda a nossa atenção, salvaguarda e recuperação, foi também elaborado um levantamento, realçando a sua importância em termos patrimoniais.

**Fig. 8 - Pavimento do Arquitecto Álvaro Dentinho no Espaço de Estadia Fonte: Tostões (2003)**

Os serviços e equipamentos que servem os habitantes neste espaço foram, também eles, alvo de consideração, sendo de destacar o campo de jogos onde os mais novos se delongam ao final da tarde, depois da escola, e o conjunto de restaurantes, cafés, mercearias e outros serviços (CTT, farmácia, etc.) onde se cruzam os vizinhos nos seus prazeres e afazeres diários.

A localização da área de estudo dentro da malha dos Olivais Norte e um plano de identificação das áreas que compõem o espaço, bem como os diagramas resultantes desta análise, são apresentados de seguida.



- Edifício Existente
- Localização da Área de Intervenção

### Rua Alfere Barrilero Ruas | programa preliminar

| Outubro 2010

| Filipa Isabel da Silva Teixeira

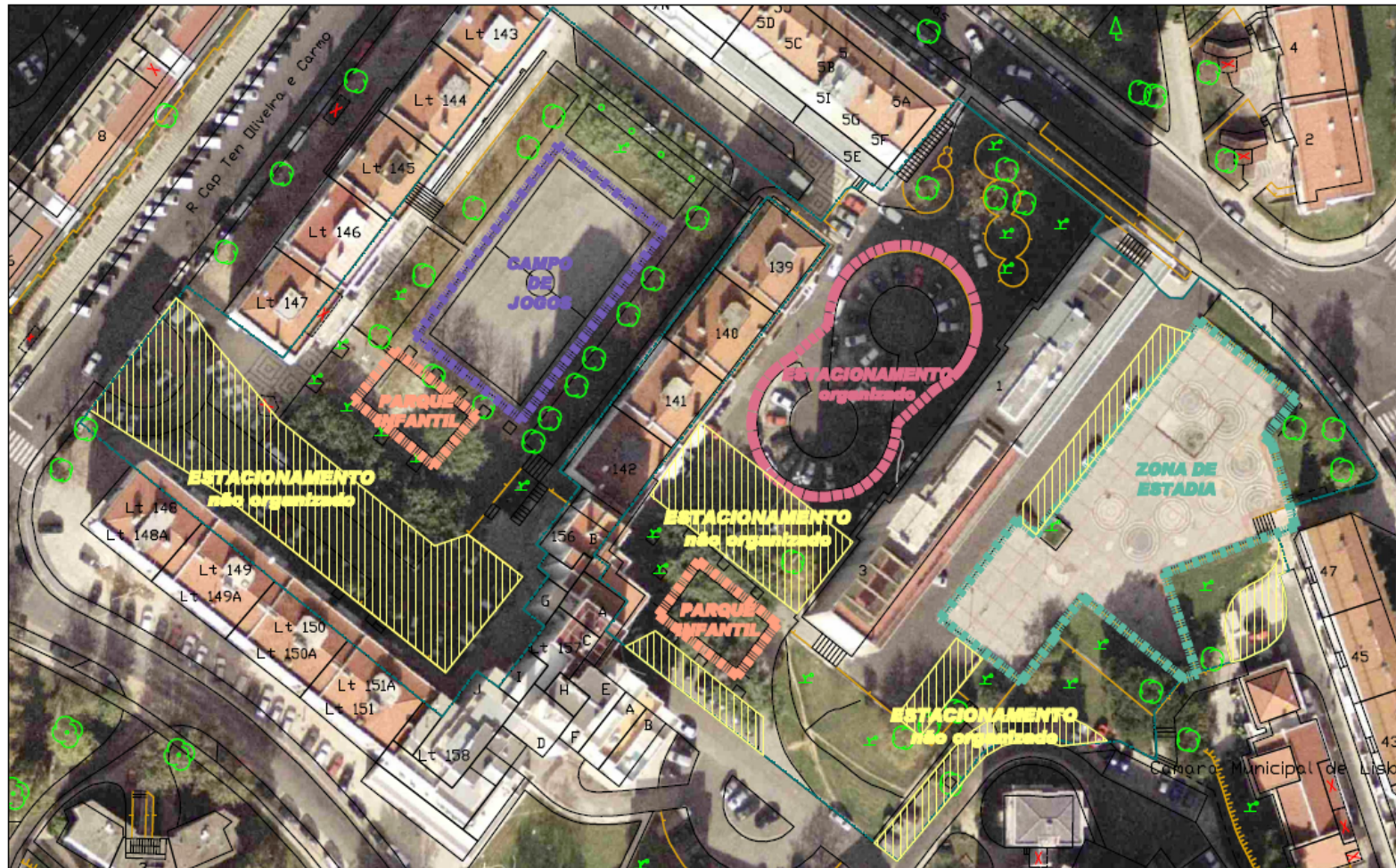
| Arq. P. Luís Paulo Ribeiro

| Plano de Localização da Área de Intervenção

| 1 : 3000

peça nº  
**01**





Rua Alferes Barrilaro Ruas | programa preliminar

| Outubro 2010

| Filipa Isabel da Silva Teixeira

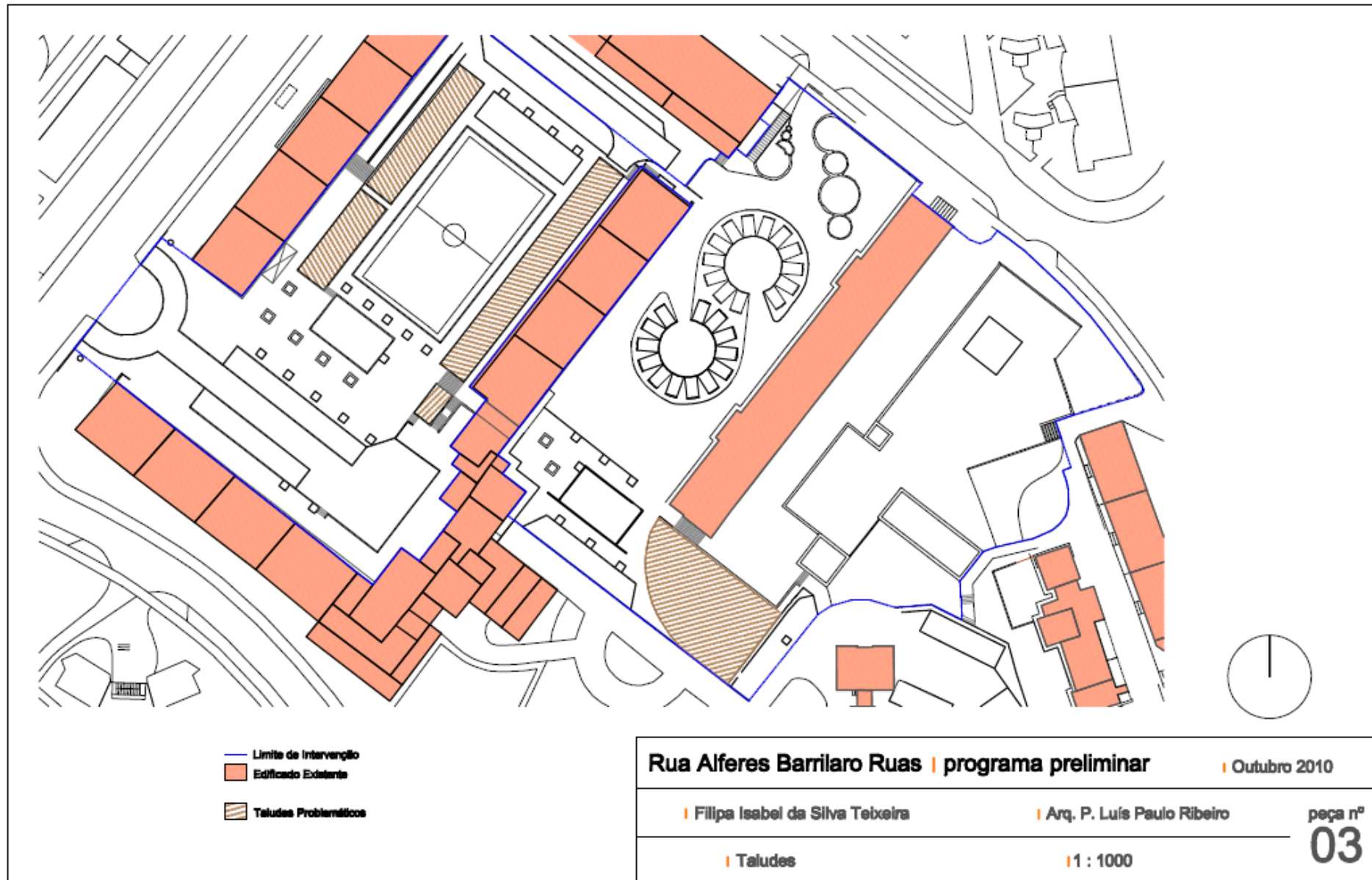
| Arq. P. Luís Paulo Ribeiro

peça nº

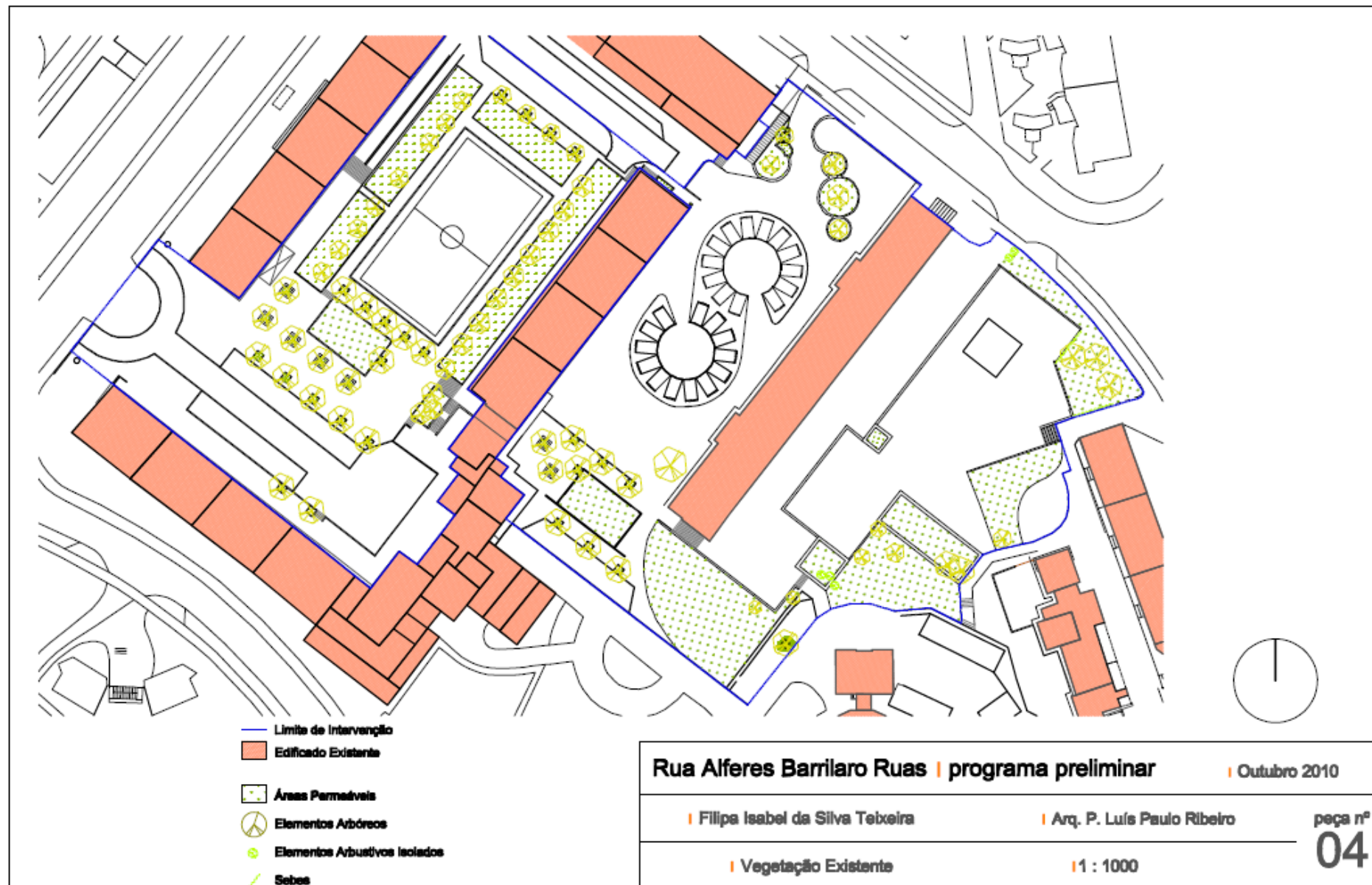
| Plano de Identificação das Componentes do Espaço

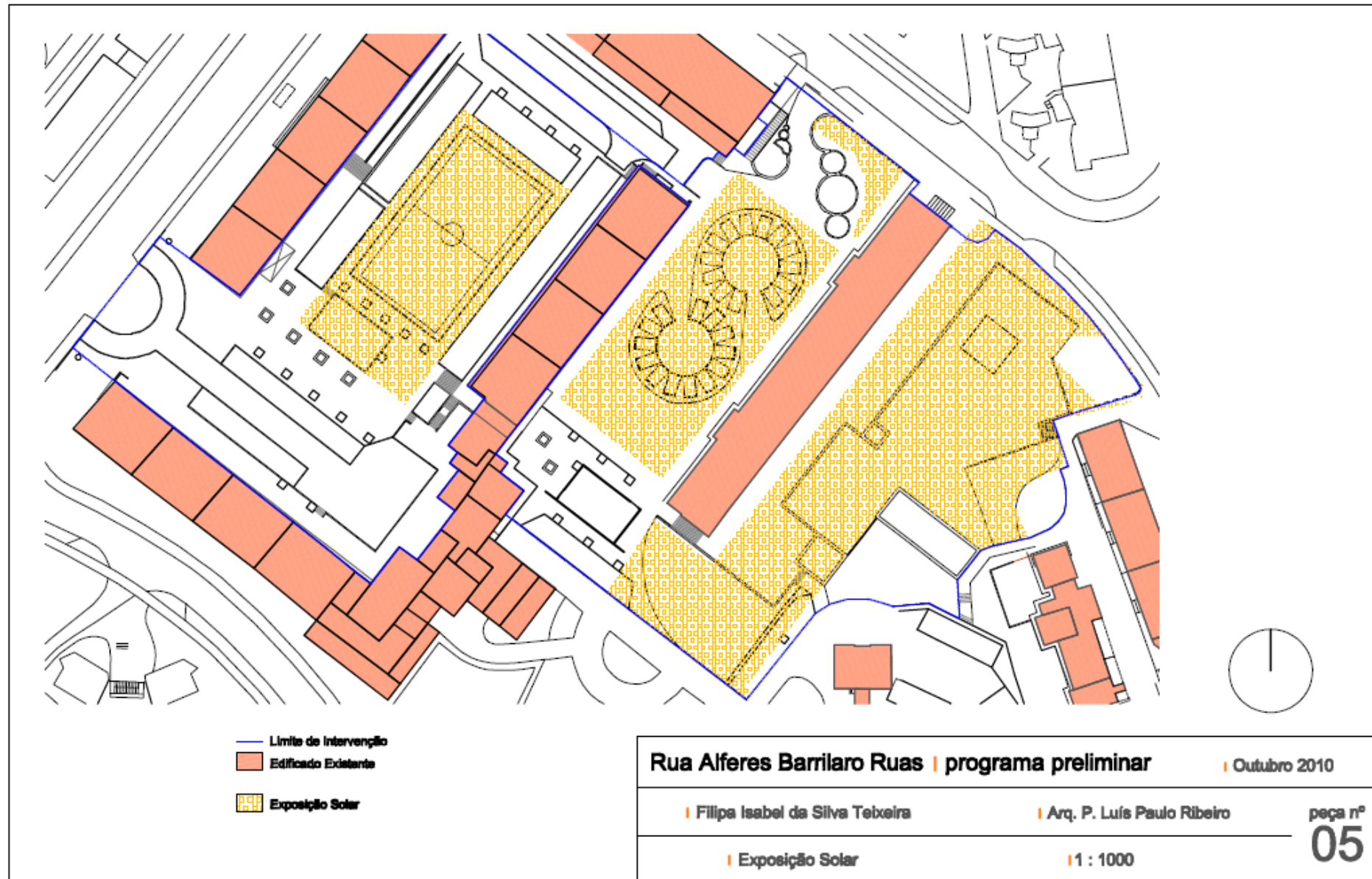
| 1 : 1000

02

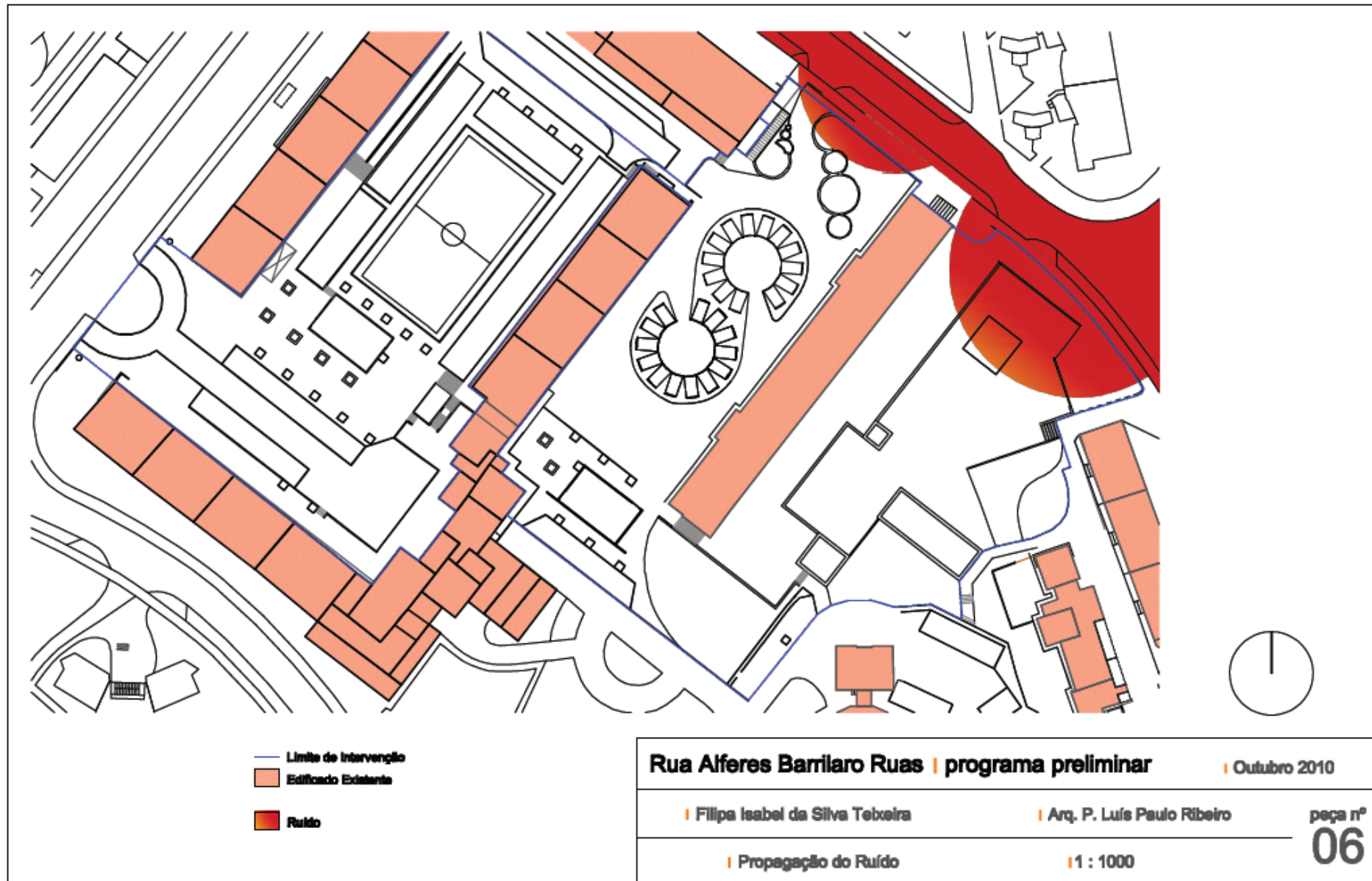


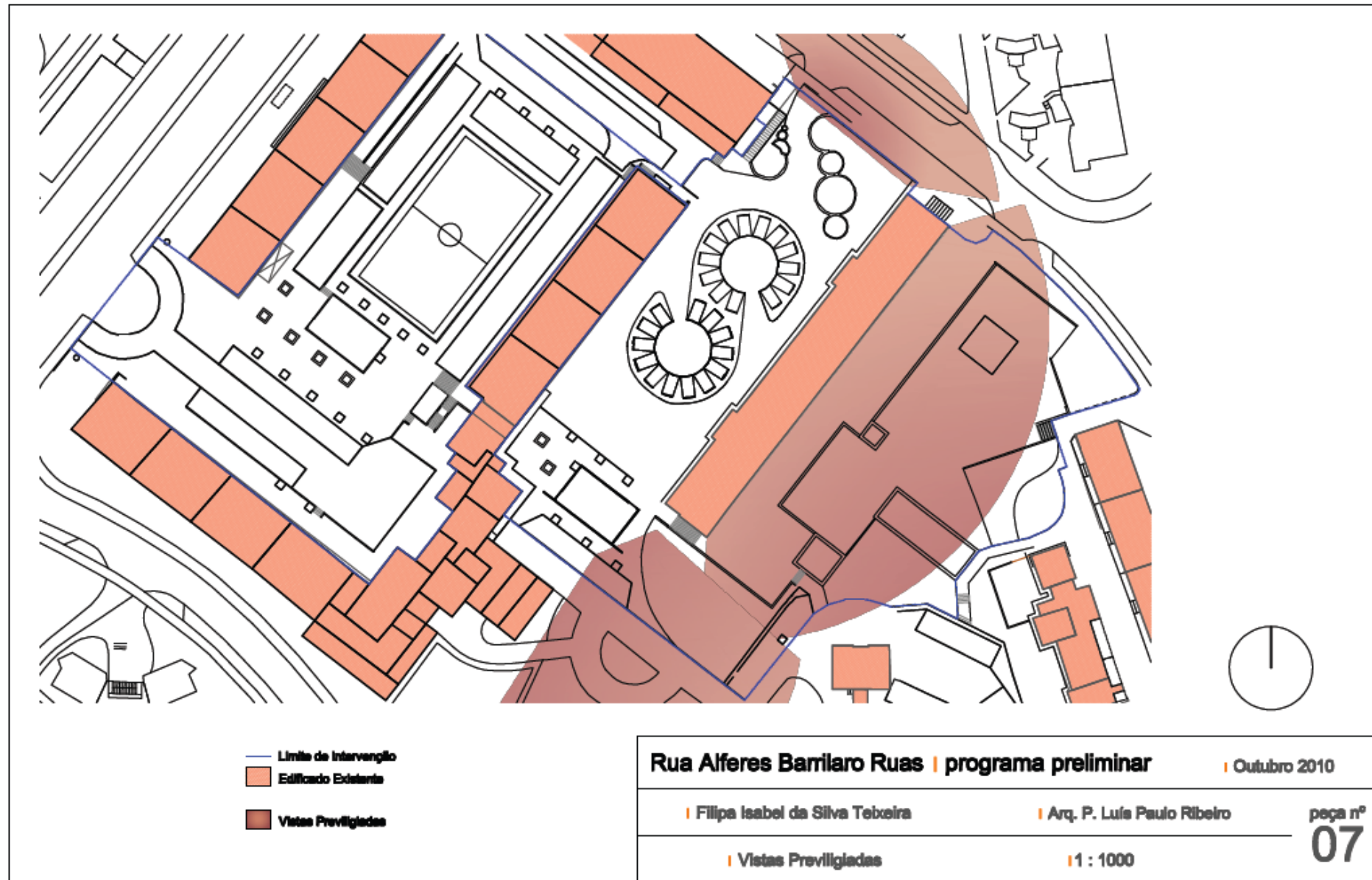


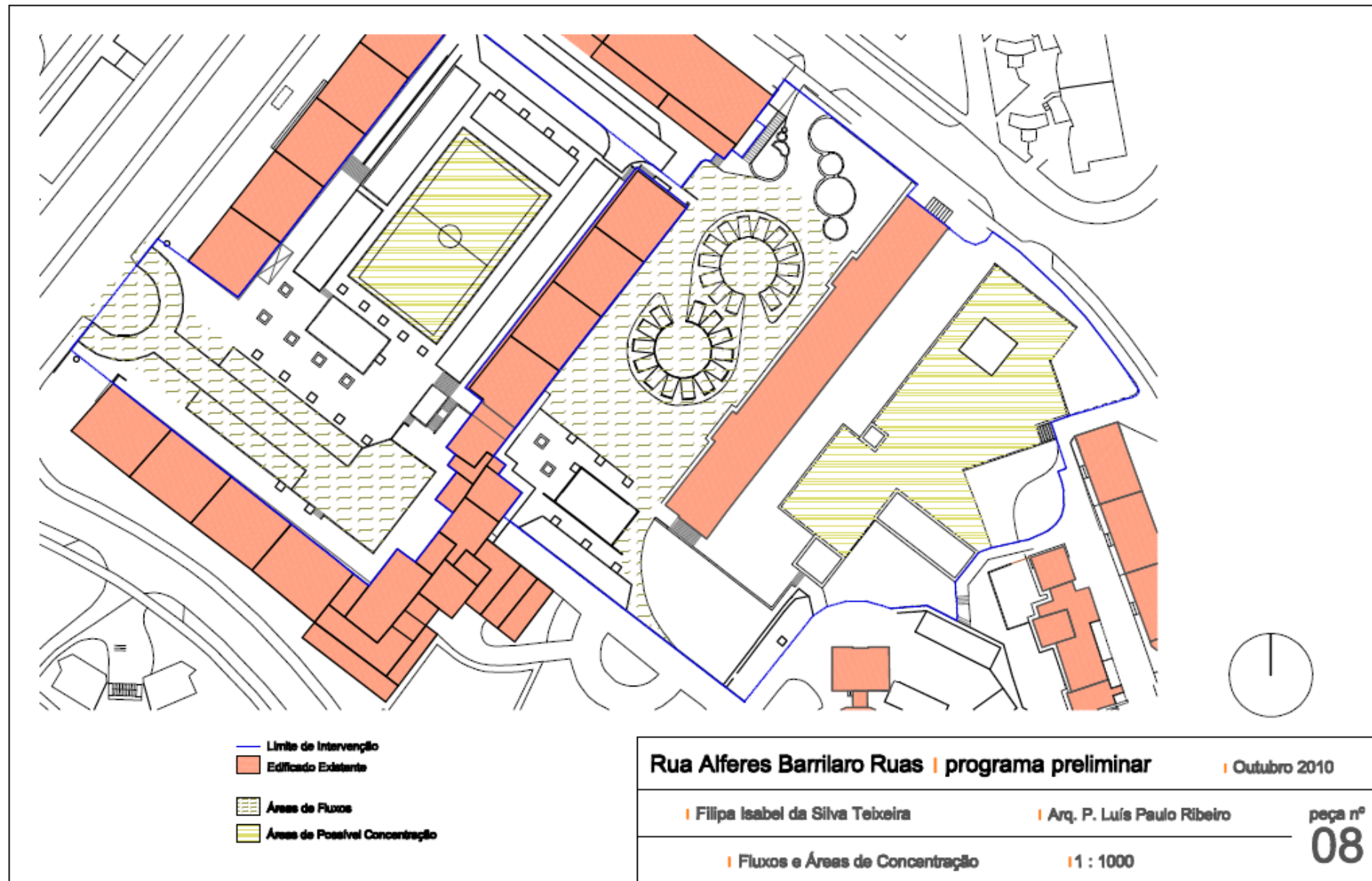




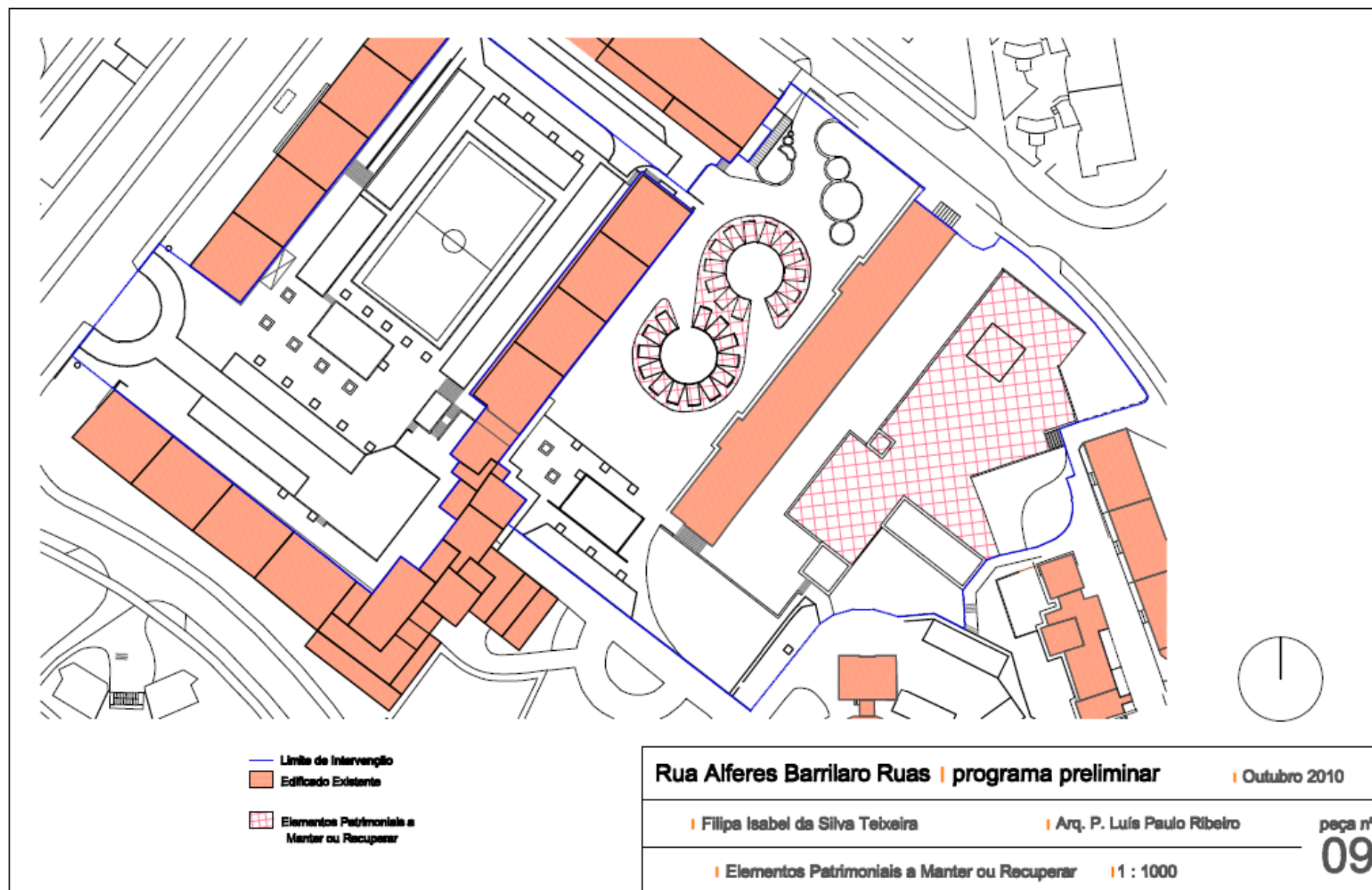












## 6.2. Diagnóstico do Espaço

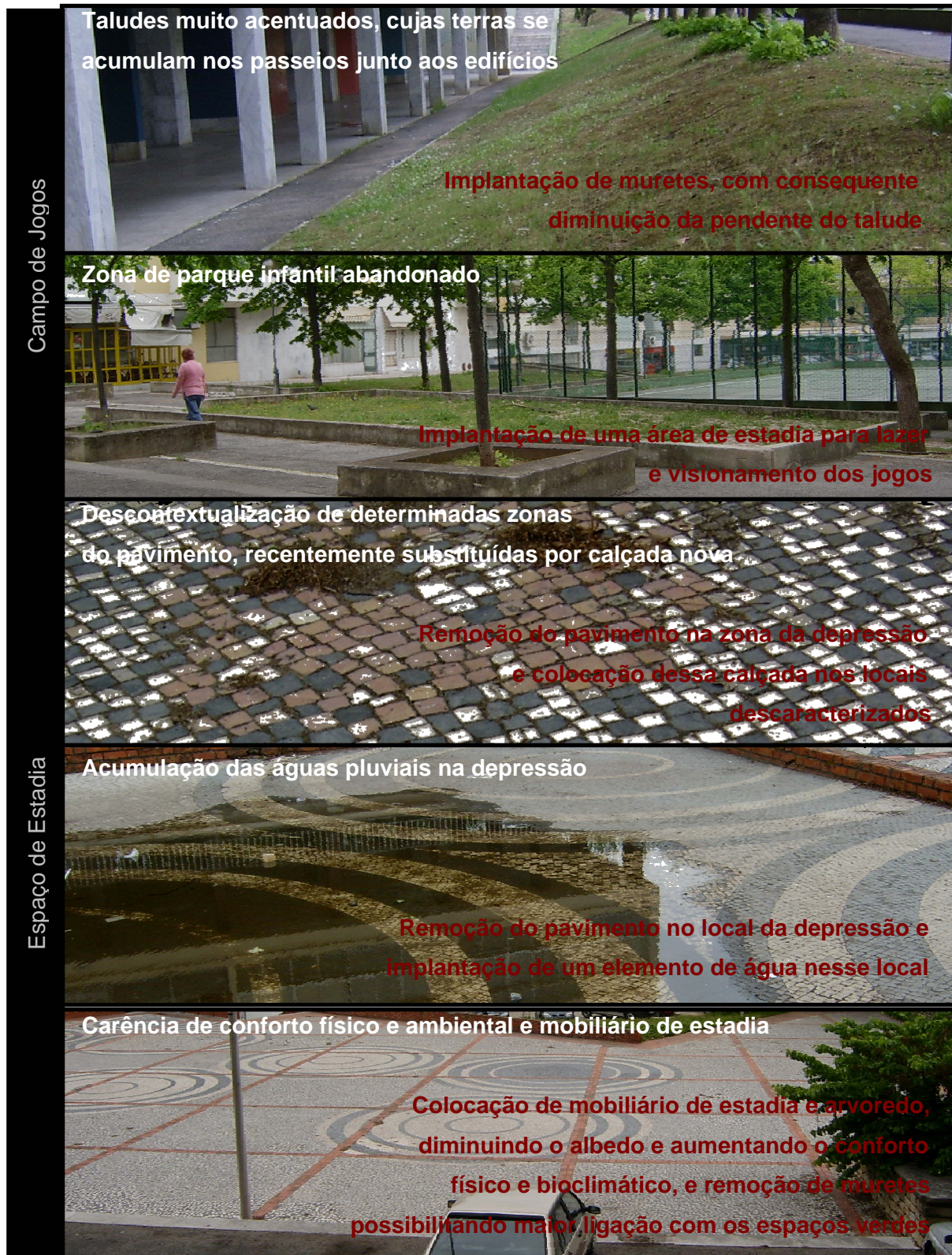
Após a análise da paisagem foi possível a identificação dos problemas mais relevantes da área de intervenção. As principais queixas dos moradores prendem-se com a falta de locais de estacionamento, a degradação dos pavimentos e a acumulação de terras, num passeio, provenientes de um talude muito acentuado. A zona do campo de jogos é a que apresenta maior dinâmica, não apenas devido a esta actividade mas também resultado de todos os serviços que se distribuem em torno do campo, onde o movimento de indivíduos é notório. Pelo contrário, o amplo espaço de estadia despojado de conforto não convida à permanência, encontrando-se vazio em todas as visitas efectuadas ao espaço.

Mais detalhadamente se expõem, em seguida, os problemas desta área, para os quais algumas soluções genéricas foram previstas:



Quadro 2 - Redefinição dos Espaços de Estacionamento e Pedonais





Quadro 3 - Redefinição dos Espaços de Recreio

### 6.3. Proposta

Sendo o objecto de estudo deste trabalho o processo através do qual o desenho do espaço público pode favorecer as relações sócio-espaciais, a requalificação urbana desta área procura esse mesmo propósito. Criando condições para a permanência dos indivíduos e recuperando os elementos com carácter patrimonial que compõem o espaço, tenciona-se de um modo geral torná-la mais segura, organizada e apelativa aos seus habitantes.

No que respeita ao seu enquadramento na Matriz de Avaliação de Desenho do Espaço Público, enunciada no capítulo anterior, esta área enquadra-se na tipologia de Espaços de Proximidade, servindo os residentes da zona. No entanto, não deve ser esquecido o carácter patrimonial de alguns dos elementos que a compõem, assegurando a sua salvaguarda e recuperação, quando necessário, de acordo com o seu plano inicial.

Tipologia	Forma	Diversidade	Composição	Ordem	Domínio	Hierarquia	Simetria	Surpresa	Movimento	Conforto	Luminosidade/Albedo	Materiais	Textura	Cor	Cheiro	Função
Espaços de proximidade	3	2	1	2	-1	0	0	1	3	3	2	3	2	3	3	2

Quadro 4 - O Caso de Estudo inserido na Matriz de Avaliação de Desenho do Espaço Público

Os vectores de desenho mais relevantes nesta proposta foram a diversidade (a qual se manifesta no conjunto de mobiliário, elementos verdes e construídos, que concorrem para a promoção de diferentes actividades no espaço), a ordem (expressa particularmente no arranjo de espaços verdes e implantação de áreas de estacionamento organizado), o movimento (libertando espaços de circulação pedonal contínuos e seguros, livres das actuais invasões por veículos), o conforto (da mais extrema importância nos locais de estadia, existentes e propostos, proporcionado quer pela implantação de elementos vegetais que atenuem os efeitos do ruído, vento e insolação, quer pela criação de áreas menos expostas onde a privacidade dos utilizadores seja possível, ou pela introdução de mobiliário urbano concordante com cada actividade). Também a forma foi alvo de consideração nas áreas propostas, inspirada nas formas já existentes, tendo a forma geral do espaço sido mantida. A luminosidade foi ligeiramente alterada pela introdução de elementos arbóreos, em particular nos estacionamentos e espaço de estadia, mas os candeeiros existentes foram mantidos, considerando-se serem estes suficientes. Relativamente aos materiais utilizados, estes consideram questões de durabilidade, funcionalidade e contextualização



com o espaço e os elementos existentes, procurando a criação de um espaço coeso e respeitando as características do seu plano inicial, bem como as texturas e cores implícitas. Espaços de estadia, circulação e recreio encontram-se conjugados, conferindo um carácter multifuncional a este espaço.

Como refere Stokols (1990), citado por Muga (2006), a qualidade de vida dos habitantes da cidade provem do nível de conforto físico e ambiental que assegura a saúde física, do bem-estar emocional auxiliado por qualidades estéticas, simbolismos, sentimento de segurança e de controlo e previsão do cenário, bem como da coesão espacial e social, relacionada com a forma como as relações sociais se processam. Partindo deste pressuposto, e não esquecendo os conceitos de competência ambiental e espaço pessoal, esta proposta introduz elementos vegetais, um elemento de água e mobiliário urbano que auxiliam a permanência dos utilizadores, proporcionam situações de conforto bioclimático, e promovem a segurança dos peões. A introdução de um espaço onde é privilegiada a intimidade mas de onde é possível, no entanto, observar o espaço de estadia adjacente, admite novas opções de escolha neste espaço, com áreas dedicadas ao comércio, áreas de recreio activo, áreas de contemplação de jogos, e áreas de estadia.

### Área Envolvente ao Campo de Jogos

A existência de uma área de antigo parque infantil actualmente abandonada, em torno da qual se estende uma área pontuada por elementos arbóreos, apresenta-se actualmente como um espaço de passagem de dimensões consideráveis. A implantação de uma área relvada e a construção de um elemento de estadia em lajes de pedra calcária sob



a forma de bancadas, de onde seja possível observar os jogos, conferem uma nova forma e funcionalidade a este espaço.

O caminho de passagem, também em placas de calcário, rodeia o campo de jogos e as bancadas, e é enquadrado por áreas relvadas de onde partem os elementos arbóreos que ensombram as actividades de recreio e estadia. O estreitamento do limite da nova área verde e o aumento da extensão da área a Este do campo, resultam num direccionamento da passagem e no enquadramento das bancadas.

**Fig. 9 - Esboço da área de estadia  
adjacente à área de recreio activo**

Para os dois taludes problemáticos desta zona é proposta uma diminuição do seu declive através da implantação de muretes em betão com 1m de altura, em tudo semelhantes aos já existentes, resolvendo assim os problemas de acumulação de terras nos passeios.

Os estacionamento existentes foram também eles prolongados até ao início da rua, bem como os desenhos nos passeios, em calçada de vidro preto, que percorrem os pontos de comércio. A implantação de uma bolsa de estacionamento de configuração semelhante às existentes no Espaço de Estacionamento em “S”, melhora a organização do estacionamento nesta área, funciona como um local de inversão de sentido para os carros, e promove a identificação deste espaço com o espaço vizinho, através da semelhança de formas e materiais.

Os estacionamento são todos eles percorridos por elementos arbóreos de folha persistente, e pavimentados em cubos de granito, sendo estes, na nova bolsa, intercalados por lajes de granito, as quais não são destinadas aos veículos, conferindo a sua forma circular.

#### Área do Parque de Estacionamento em “S”

Nesta área foi essencialmente resolvido o problema da fraca capacidade de carga das duas bolsas de estacionamento existentes, bem como a recuperação dos seus pavimentos, muito degradados, em cubos e lajes de granito.

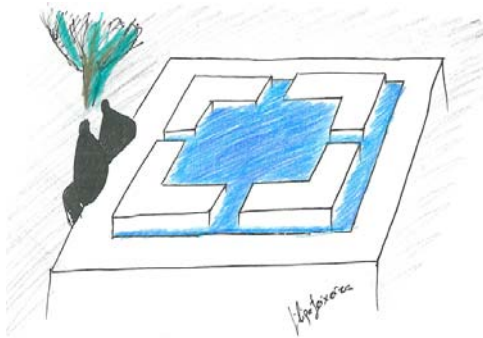
A implantação de uma terceira bolsa, bem como de estacionamento organizado ao longo das fachadas dos edifícios, procura solucionar o primeiro problema, permitindo ainda a criação de passeios em calçada de vidro em torno de toda esta área, protegidos por pilaretes com uma altura mínima de 0.70m, permitindo assim uma segura e contínua circulação dos peões.

É ainda prevista a implantação de elementos arbóreos de folha persistente, onde possível, que ensombrem os veículos e tornem o espaço mais aprazível e confortável, bem como a colocação de mobiliário de estadia na área mais elevada deste espaço. Esta área encontra-se protegida dos fluxos dos veículos, devido à sua compartimentação pela existência de árvores em caldeiras sobrelevadas, em tijolo burro, tornando-a apta à permanência dos indivíduos.

#### Espaço de Estadia

A demolição de três muretes que separam este espaço das áreas verdes (com sua substituição por uma vedação em ferro num dos casos, onde se verifica uma diminuição da

cota do terreno), a implantação de elementos arbóreos associados a mobiliário de estadia, e a colocação de um elemento de água no local onde se verifica a acumulação das águas pluviais, procura promover um maior conforto físico e ambiental a toda esta área.



O elemento de água proposto, de forma quadrangular, apresenta-se composto por um nível central, a uma cota mais elevada, com muretes em betão capeados a pedra calcária. Estes muretes apresentam um canal de cada lado de onde parte a água em cascata para um nível inferior, ladeado por outros muretes onde é possível a estadia.

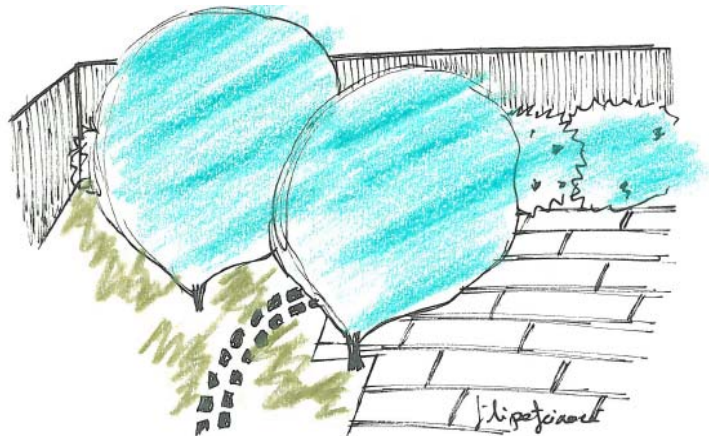
**Fig. 10 - Esboço da estadia associada ao elemento de água**

O mobiliário de estadia em betão, cujas mesas apresentam uma gravação do jogo de xadrez, introduzem uma nova prática neste espaço, e a possibilidade de estadia em áreas relvadas potencia a permanência dos mais novos.

Elementos arbóreos de folha persistente delimitam o espaço junto à estrada.

É proposta ainda a recuperação do pavimento em calçada de vidro existente neste espaço, com manifesto valor patrimonial. As pedras deverão ser pontualmente removidas nos locais de futuras caldeiras e elemento de água, e efectuada posterior limpeza e reinstalação nos locais com pedra descaracterizada, de modo a readquirir o seu desenho original.

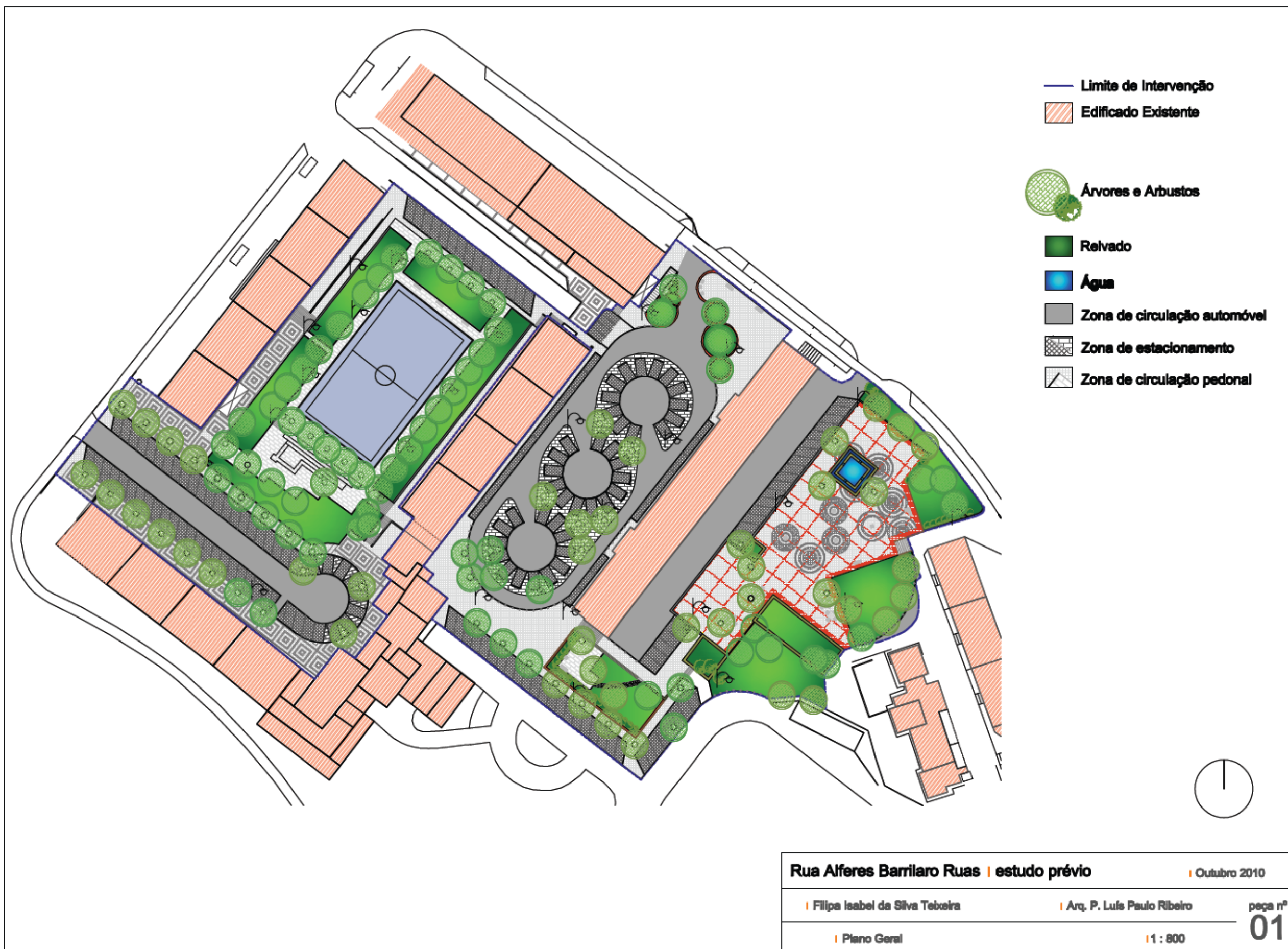
A regularização do talude existente a Sudoeste, através da construção de um muro de betão capeado a tijolo burro, cuja altura varia entre 0.20m e 2.20m, possibilita a implantação de um novo espaço de estadia, menos exposto. Um caminho atravessa a área relvada até à zona pavimentada, em lajes de calcário. O muro é contornado por arbustos de folha persistente nas zonas em que este apresenta maior altura, camuflando este aspecto e conferindo maior conforto ao espaço.



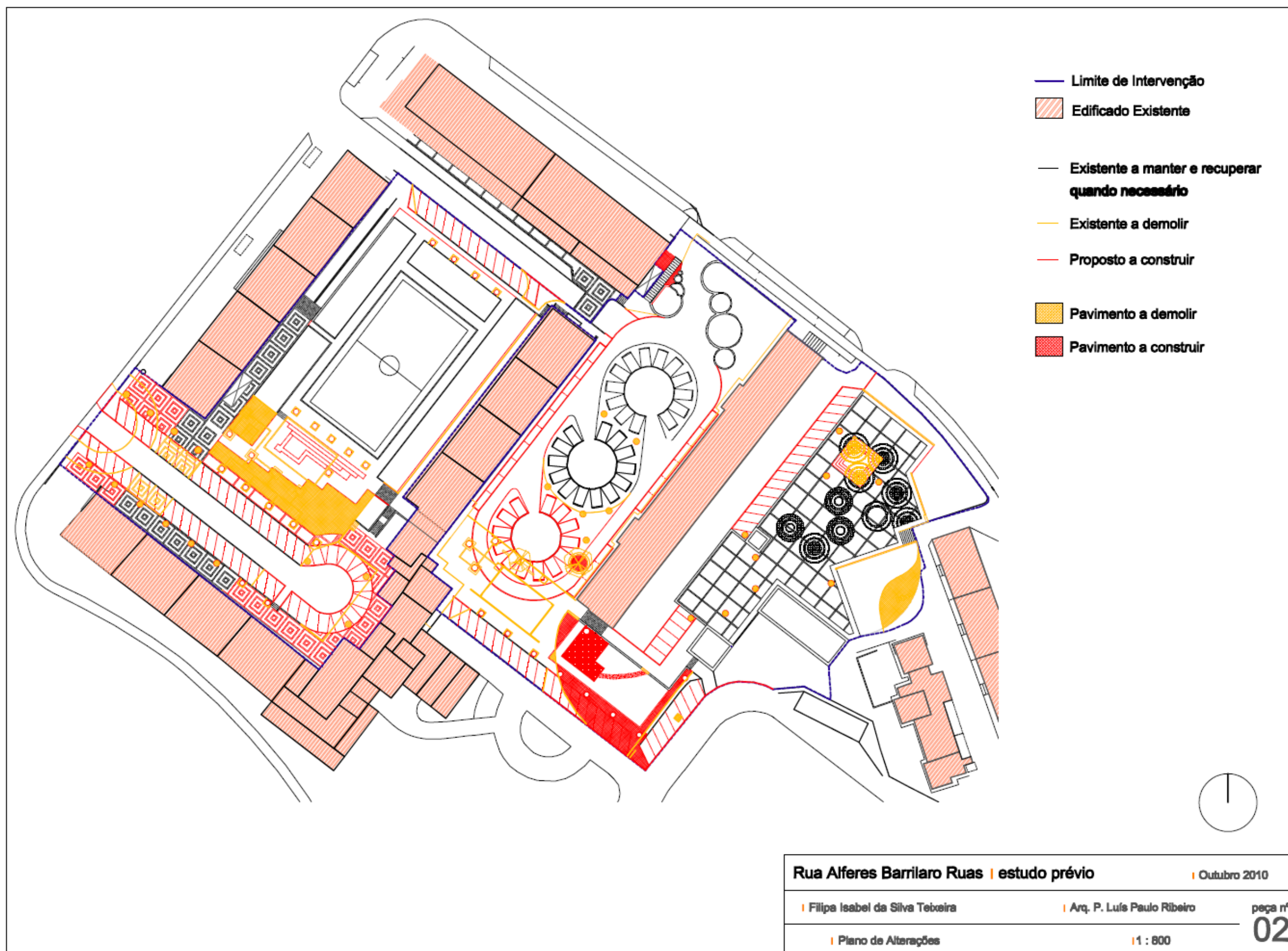
**Fig. 11 - Esboço da nova área de estadia**

Em seguida, são apresentadas as plantas referentes ao Estudo Prévio desta proposta.

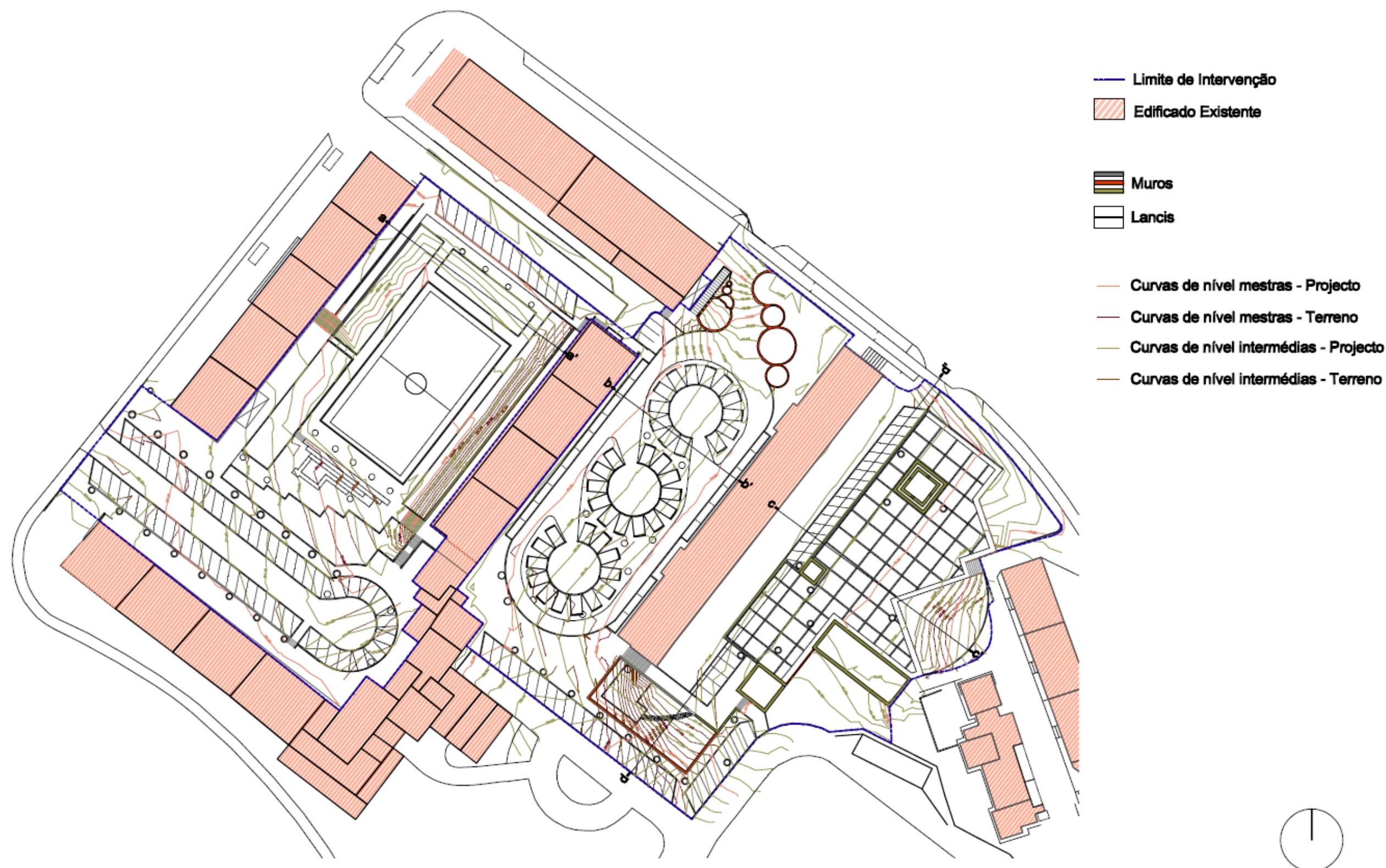




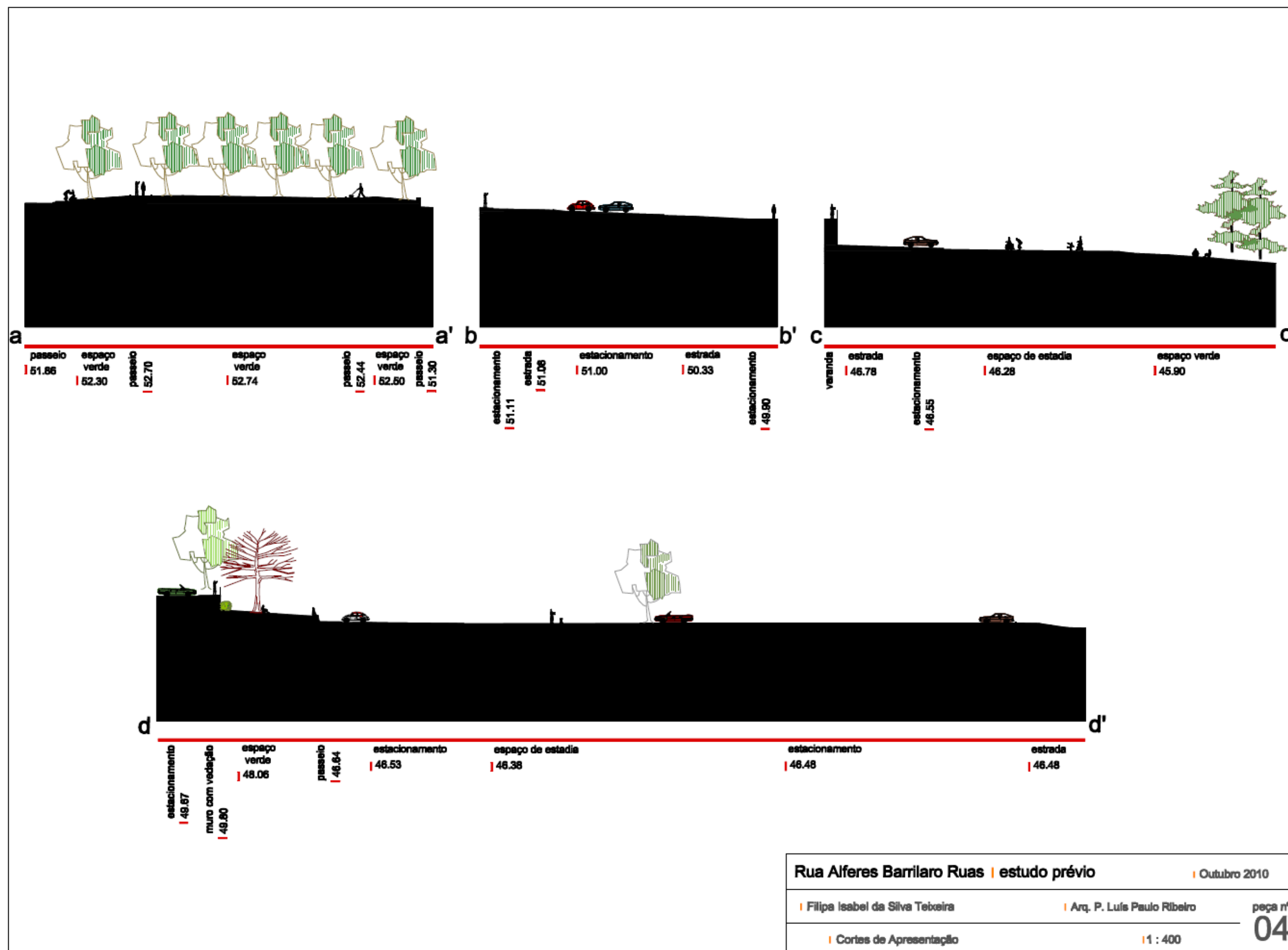


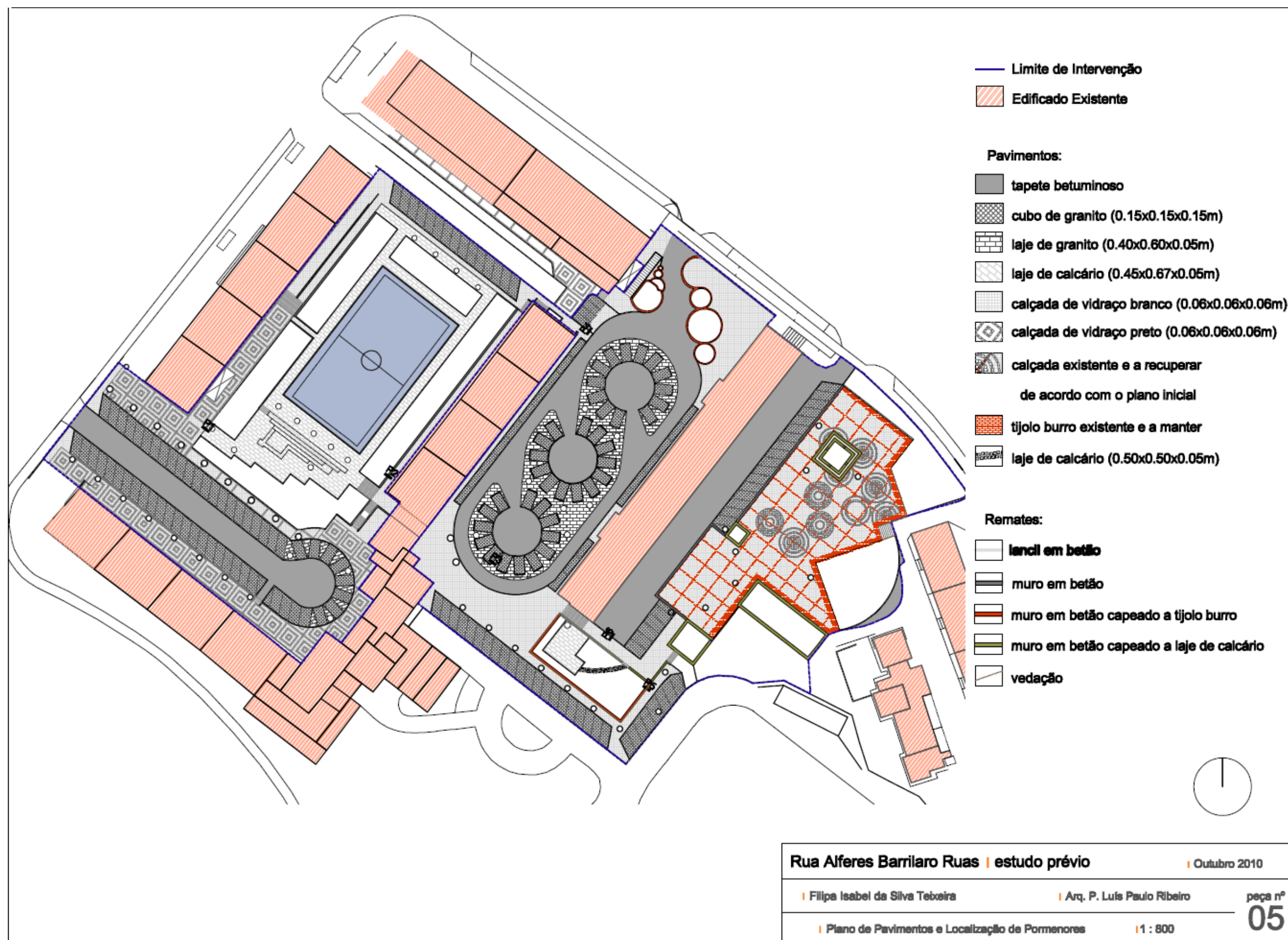








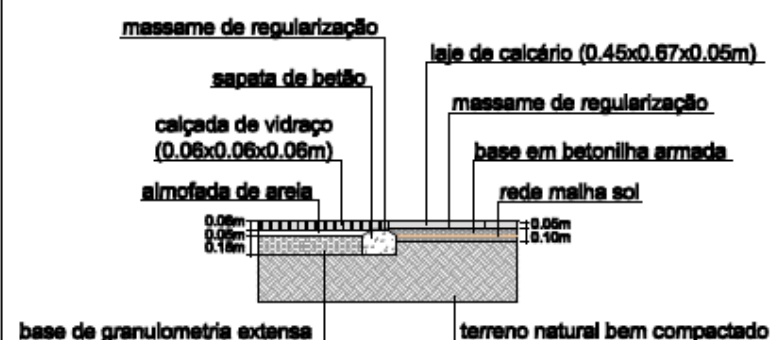






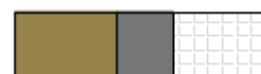
### Pormenor Construtivo P1

encontro entre pavimento em calçada de vidro com pavimento em laje de calcário



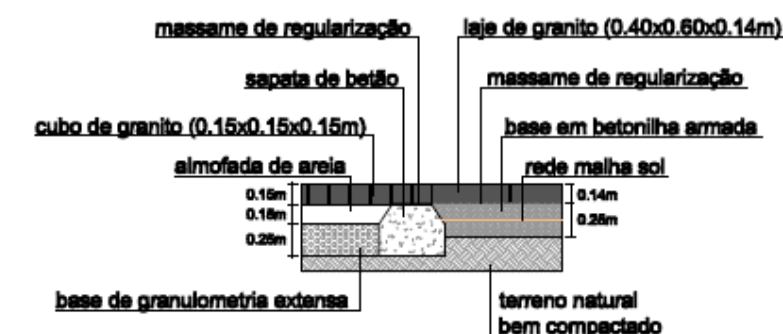
### Pormenor Construtivo P2

encontro entre mureta de suporte de terras em betão com pavimento em calçada de vidro



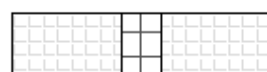
### Pormenor Construtivo P3

encontro entre pavimento em cubo de granito com pavimento em laje de granito



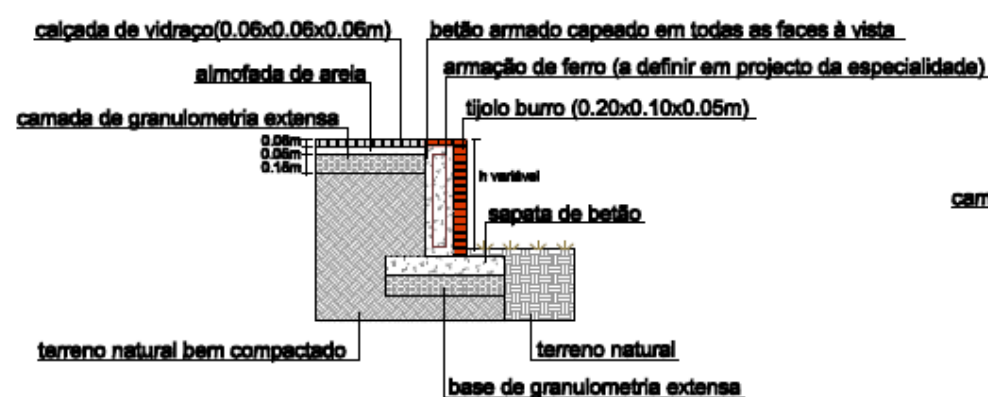
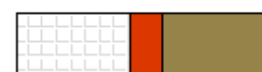
### Pormenor Construtivo P4

cubo de granito entre pavimento em calçada de vidro em zona pedonal e pavimento em calçada de vidro em zona automóvel



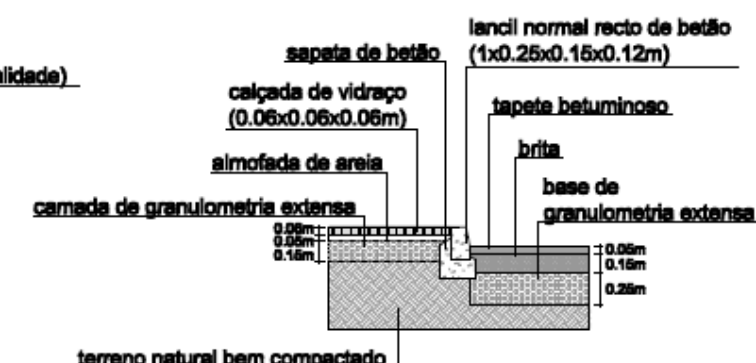
### Pormenor Construtivo P5

suporte de pavimento em calçada de vidro e zona arrelvada por muro de betão armado capeado a tijolo burro



### Pormenor Construtivo P6

remate desnivelado com lancil normal recto de betão entre pavimento em calçada de vidro e pavimento em tapete betuminoso



Rua Alferes Barrilero Ruas | estudo prévio

| Outubro 2010

| Filipa Isabel da Silva Teixeira

| Arq. P. Luís Paulo Ribeiro

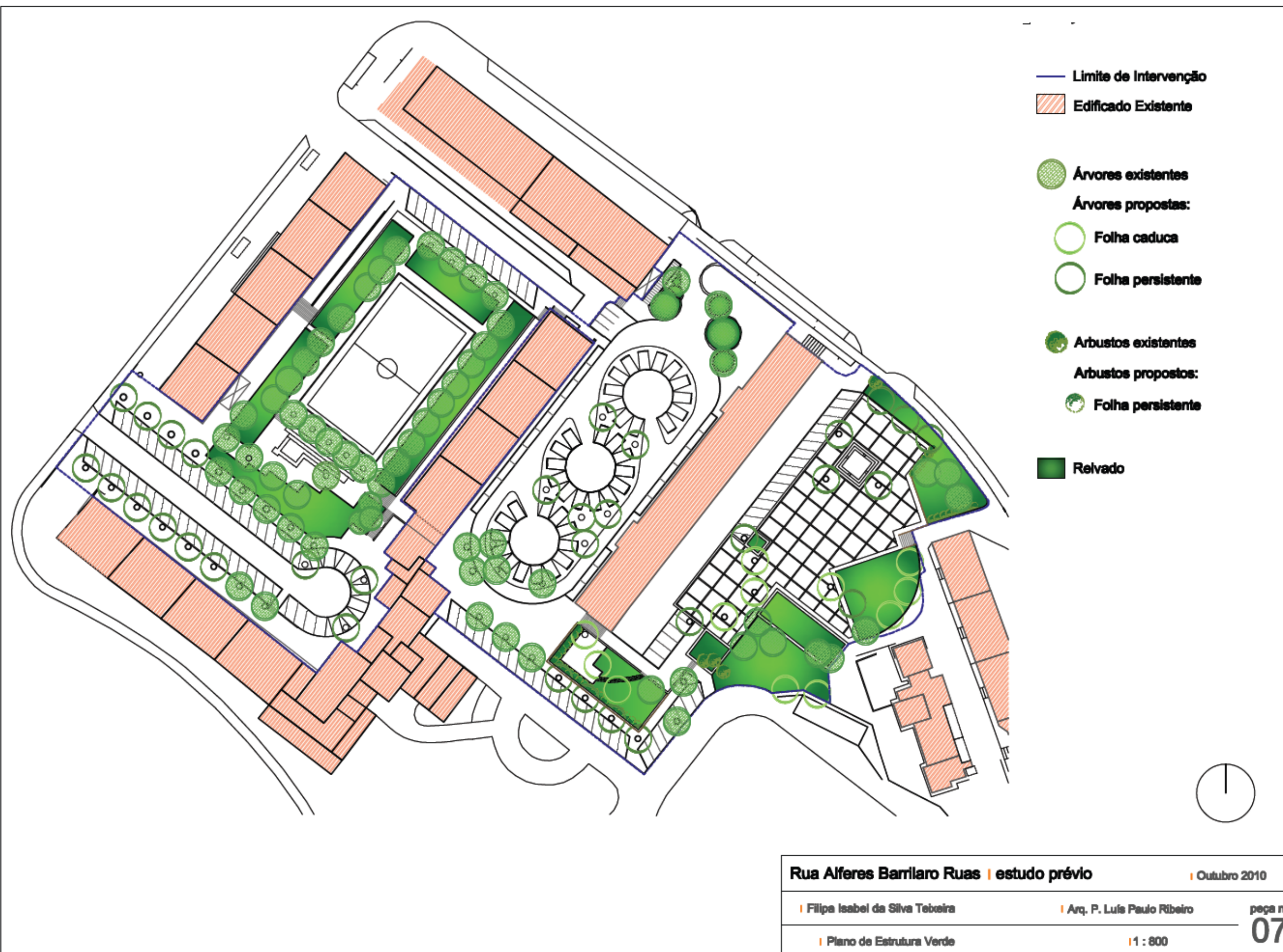
peça nº

| Pormenores Construtivos

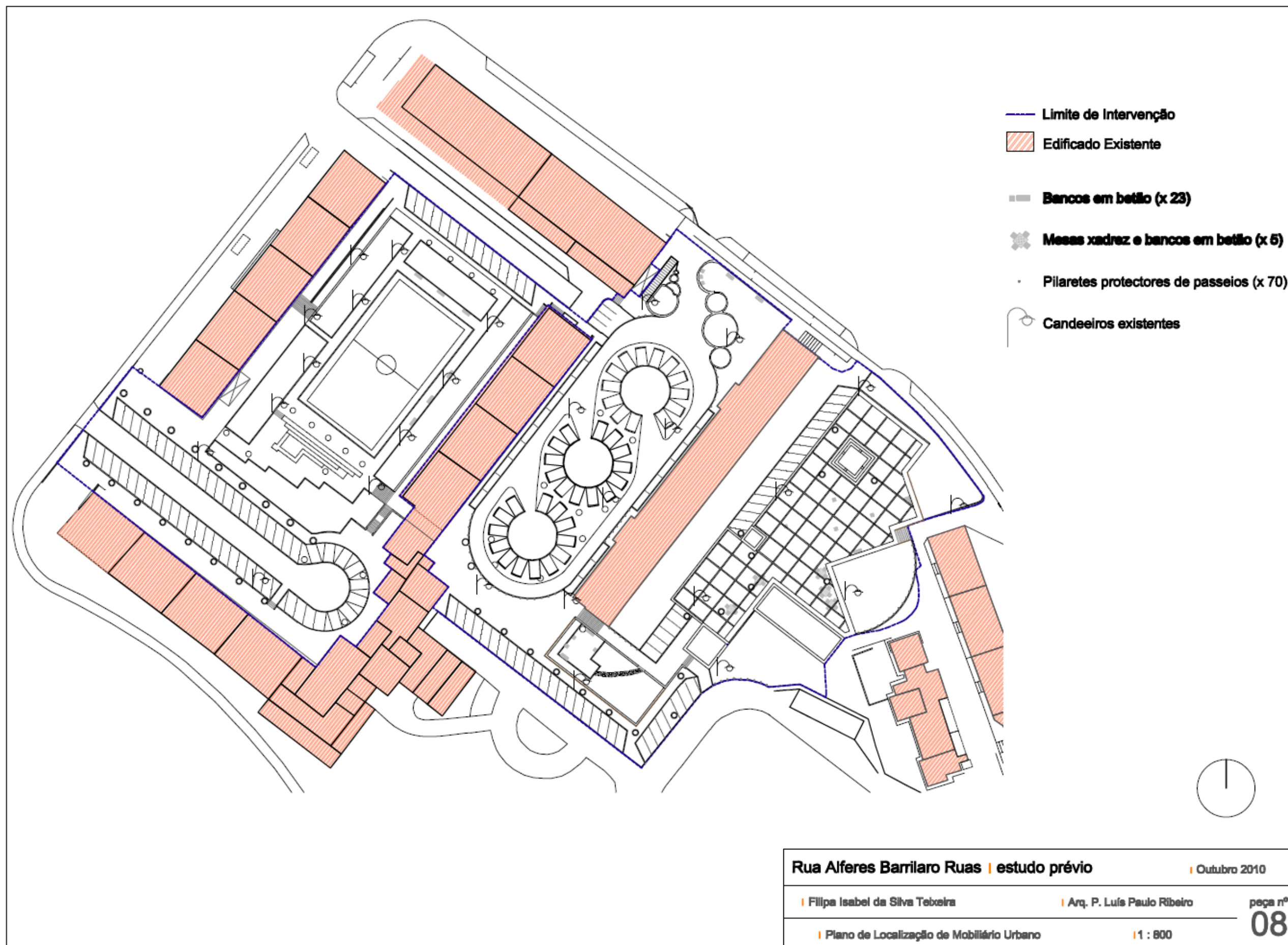
| 1 : 50

06









## 7. CONCLUSÃO



*“Dito isto, não vale a pena determinar se se deve classificar Zenóbia entre as cidades felizes ou infelizes. Não é destas duas espécies que faz sentido dividir a cidade, mas noutras duas: as que continuam através dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e aquelas em que os desejos ou conseguem aniquilar a cidade ou são eles aniquilados.” (Calvino, 1993)*

**Fotografia 28 - A qualidade de um espaço público depende da sua capacidade de atrair e estimular a permanência das pessoas**

Em suma, a qualidade de um espaço público depende da sua capacidade de atrair e estimular a permanência de pessoas. A satisfação dos indivíduos que utilizam o espaço público urbano pode ser conseguida através da adequação do projecto com o contexto urbano envolvente e com as necessidades dos seus utilizadores, através de um conjunto de soluções sustentáveis financeira, social e ecologicamente, sendo indiscutível a importância de uma prévia análise das condições, dinâmica e energia do local. Segundo Del Rio (1990) citado por Moutinho (2007) o desafio do Arquitecto Paisagista prende-se com a identificação das *“regras para as opções significativas que dão forma à cidade dentro de um quadro institucional que possa ser modificado na medida em que os tempos e as necessidades mudam”*, para que a utilização e fruição do espaço se traduzam em bem-estar, qualidade de vida, harmonia e prazer.

Defende-se portanto uma arquitectura que integre os conceitos de forma e função (e nunca um em detrimento de outro), natural e cultural, considerando igualmente importante o espaço edificado e o não edificado, arte e ciência, onde a atitude criativa se deve encontrar presente em todo o processo de concepção. É também indispensável um planeamento do espaço público que não comprometa o seu papel estruturador da cidade, contribuindo para a solução das problemáticas relacionadas com a coesão territorial, através do seguimento dos princípios explícitos nos instrumentos de gestão e desenvolvimento territorial existentes, bem como da aplicação de um conjunto de princípios orientadores de projecto, que promovam a implementação de espaços inseridos na sua envolvente.

Amparando o conceito de espaço colectivo da cidade, cientes da importância das relações sociais e comunitárias que nele se desenrolam, o predomínio dos interesses

públicos sobre os privados com a distribuição coerente de equipamentos e serviços no espaço, deve ser promovida.

Conscientes de que o Homem manipula o ambiente e vice-versa, e relembrando a preocupação da forma urbana tradicional com as relações sociais tão importantes, não se poderá, no entanto, afirmar que o retorno a essa forma seria viável. Como já alguém disse “*mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*” e o ideal seria a adequação do conceito tradicional às necessidades e actividades quotidianas de hoje em dia, procurando essencialmente a revalorização das suas tipologias urbanas e a articulação entre as formas e os elementos que compõem a cidade.

A Requalificação Urbana da Rua Alferes Barrilero Ruas enquadra-se neste estudo. A necessidade de redefinição dos espaços de estacionamento e pedonais (já que pela carência de locais de estacionamento organizado os veículos invadem os (insuficientes) passeios destinados aos peões), a falta de conforto bioclimático e mobiliário urbano que proporcionem espaços que convidem à estadia, e a elevada degradação dos pavimentos de carácter patrimonial, apresentam-se como situações problemáticas que colocam em questão a segurança e bem-estar dos utilizadores.

Assim sendo, os conceitos analisados ao longo deste trabalho foram postos em prática no Caso de Estudo. O conceito de competência ambiental, que encerra em si diversas noções relacionadas com o potencial do espaço para evocar sensações de agrado no indivíduo (segurança, conforto físico e ambiental, presença de simbolismos com os quais o indivíduo se identifique, a forma como se processam as trocas sociais e a natureza das actividades). O conceito de espaço pessoal, que considera a necessidade de existência de espaços “íntimos” que contrastem com espaços amplos de convívio, que possam causar sensações de desconforto no indivíduo. O conceito de coesão, espacial e social, através da conjugação de formas, materiais, actividades. O conceito de acessibilidade, eliminando sempre que possível os obstáculos à movimentação.

Trata-se, então, de um processo complexo, o do desenho do espaço passível de ser apreendido e afeiçoado por uma vasta parte da população. Mas com a consciência de ser inexequível atender a todas as necessidades e gostos da totalidade dos indivíduos, conscientes devemos estar de ser praticável a determinação de conjuntos de aspectos comuns a uma maioria. Numa cidade onde se encontrem presentes vários tipos de forma, qualificados com os mais variados elementos e funcionalidades, numa distribuição coerente que permita a localização e identificação dos espaços dentro da malha urbana, diferentes utilizadores com diferentes formas de olhar o mundo, encontrarão material de percepção.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alfaiate, Maria T. (2000) *Expressão dos Valores do Sítio na Paisagem*. Tese de Doutoramento em Arquitectura Paisagista. Instituto Superior de Agronomia. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.

Alves, F. (2003) *Avaliação da Qualidade do Espaço Público Urbano. Proposta Metodológica*. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Lisboa.

Brandão, P. (2002) *O Chão da Cidade: guia de avaliação do design de espaço público*. Centro Português de Design. Lisboa

Calvino, I. (1993) *As Cidades Invisíveis*. Editorial Teorema. Lisboa.

Carvalho, J. (2003) *Ordenar a Cidade*. Quarteto Editora. Coimbra.

Castro, J. et al. (2007) *Plano Estratégico para o Espaço Público de Lisboa – Matriz Geral*. Lisboa

Cavaco, C. (2005) *Reflexões sobre o planeamento de pormenor e a “Boa Forma da Cidade”*. Textos de Opinião nº 11. Faculdade de Arquitectura. Universidade Técnica de Lisboa.  
([http://projectos.ordemdosarquitectos.pt/cidadecidadao/files/forum/org/11\\_FA-UTL.pdf](http://projectos.ordemdosarquitectos.pt/cidadecidadao/files/forum/org/11_FA-UTL.pdf)  
Acesso a 19 Abril 2010)

Cheetham, N. et al. (2004) *The London Plan: Spatial Development Strategy for Greater London*. Greater London Authority. Londres. (<http://www.london.gov.uk/thelondonplan/>  
Acesso a 11 Março 2010)

Cheetham, (2005) *The Streetscape Guidance*. Transport for London. Londres.

Cullen, G. (2006) *Paisagem Urbana*. Edições 70. Lisboa.

Croft, V. (2001) *Arquitectura e Humanismo. O papel do arquitecto, hoje, em Portugal*. Terramar. Lisboa.



Delfante, C. (1997) *A Grande História da Cidade. Da Mesopotâmia aos Estados Unidos*. Instituto Piaget. Lisboa.

Francisco, M. (2005) *ESPAÇO PÚBLICO URBANO: Oportunidade de Identidade Urbana Participada*. X Colóquio Ibérico de Geografia. Évora.

([http://www.apgeo.pt/files/docs/CD\\_X\\_Coloquio\\_Iberico\\_Geografia/pdfs/053.pdf](http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_X_Coloquio_Iberico_Geografia/pdfs/053.pdf) Acesso a 23 Abril 2010)

Jacobs, Jane (2001) *Morte e Vida de Grandes Cidades*. Martins Fontes. São Paulo.

Jellicoe, G., Jellicoe, S. (1995) *The Landscape of Man*. 3ª Edição. Thames and Hudson. Londres.

Krier, L. (1999) *Arquitectura. Escolha ou Fatalidade*. Estar Editora. Lisboa.

Lamas, J. (2000) *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. 2ª Edição. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Lisboa.

Lynch, K. (1999a) *A Boa Forma da Cidade*. Edições 70. Lisboa.

Lynch, K. (1999b) *A Imagem da Cidade*. Edições 70. Lisboa.

Machado (1999) *Dicionário Dom Quixote da Língua Portuguesa*. Publicações Dom Quixote. Lisboa.

Magalhães, M. (2001) *A Arquitectura Paisagista: morfologia e complexidade*. Editorial Estampa. Lisboa.

Morval, J. (2009) *Psicologia Ambiental*. Instituto Piaget. Lisboa.

Moutinho, M., et al. (2007) *Desenho Urbano, Elementos de análise morfológica*. Edições Universitárias Lusófonas. Lisboa.

Muga, H. (2006) *Psicologia da Arquitectura*. 2ª Edição. Edições Gailivro. Vila Nova de Gaia.

Mumford, L. (1982) *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. 2ª Edição. Martins Fontes. São Paulo.

Regatão, J. (2010) *Arte Pública e os novos desafios das intervenções no espaço urbano*. 2ª Edição. Books on Demand. Lisboa.

Salgueiro, T. (1997) *Cidade Pós-Moderna. Espaço Fragmentado*. III Congresso de Geografia Portuguesa. Porto.

([http://www.apgeo.pt/files/section44/1257763321\\_INFORGEO\\_12\\_13\\_P225a236.pdf](http://www.apgeo.pt/files/section44/1257763321_INFORGEO_12_13_P225a236.pdf) Acesso a 23 Abril 2010)

Tostões, A. (2003) *Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1910-1970)*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.